

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF- FILO**

PABLO ANDREY DA SILVA SANTANA

ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO:

Temas Filosóficos e Seriados

TERESINA - PI

2019

PABLO ANDREY DA SILVA SANTANA

ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO:

Temas Filosóficos e Seriadados

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva

TERESINA – PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

S232e Santana, Pablo Andrey da Silva.
Ensino de filosofia no nível medio : temas filosóficos e
seriados / Pablo Andrey da Silva Santana. – 2019.
92 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) –
Universidade Federal do Piauí, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva.

1. Ensino de Filosofia. 2. Seriados. 3. Neopragmatismo.
4. Rorty, I. Título.

CDD 107

PABLO ANDREY DA SILVA SANTANA

ENSINO DE FILOSOFIA:

Temas Filosóficos e Seriadoss

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Teresina, 28 de Julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Heraldo Aparecido Silva

Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva (UFPI)
Presidente

José Renato de Araújo Sousa

Prof. Dr. José Renato de Araújo Sousa (UFPI)
Examinador Interno

José Elielton de Sousa

Prof. Dr. José Elielton de Sousa (UFPI)
Examinador Externo

Edna Maria Magalhães do Nascimento

Prof^a. Dr^a. Edna Maria Magalhães do Nascimento (UFPI)
Suplente

Dedico esta obra a todos aqueles que nortearam meu caminho até aqui, pois me ensinaram que o homem torna-se pleno quando une a sabedoria dos homens com a sabedoria que nasce no espírito. Um obrigado especial a três pessoas que amo mais que tudo: a meu pai, Francisco, que me ensinou a sabedoria dos homens; a meu eterno diretor espiritual, Dom Celso José, que me mostrou que a sabedoria do espírito vem de Deus; ambos falecidos, mas meus maiores incentivadores, e a minha amada mãe, Joana, da qual herdei a vida e a profissão de educador, que com sua sabedoria fez nascer a alma deste trabalho, através deste simples conselho: “Meu filho, para você fazer os alunos te entenderem, a melhor maneira é dar exemplo com coisas que eles conheçam”. A vocês, minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia ter sido concluída sem a preciosa ajuda de corações tão generosos, que me deram muito mais que palavras de incentivo, deram-me parte de suas almas e, com certeza, vou levá-las comigo por todo o sempre.

Em primeiro lugar, saúdo ao Criador da vida, pois creio que Ele seja de fato o motor primeiro que impulsiona a vida humana e direciona o homem na descoberta de sua finalidade última.

Minha eterna gratidão ao meu orientador, professor doutor Heraldo Aparecido Silva, que aceitou o desafio de conduzir meu aprendizado, com paciência perante as minhas dificuldades, contribuindo com esmero e dedicação para minha vitória diante do primeiro degrau da minha jornada e da pretensão de realizar o sonho de tornar-me um professor acadêmico e intelectual influente.

Não posso deixar de agradecer aos meus amados pais, Francisco Lopes de Santana (falecido) e Joana Maria da Silva Santana, que ao longo de minha caminhada sempre me acolheram com palavras de carinho, esperança e consolo nas vezes que pensei que ia fracassar e sempre me transmitiram a confiança e a certeza de que um coração humilde derruba qualquer barreira.

Aos meus familiares e amigos, meu muito obrigado. A gentileza em suportar minhas lamúrias, cansaços, ausências e falhas, nesse período, só prova que não me enganei em deixar a porta do meu coração sempre aberta. Não tenho palavras para expressar o quanto a compreensão de vocês fez toda a diferença.

Quero destacar as fortes lições que recebi. Primeiramente, sobre o poder da amizade; quem a possui realmente encontrou um tesouro. Em segundo lugar, a compreensão de que o tempo não é meu inimigo, e sim um grande aliado. Por fim, aprendi que nunca posso permitir que a ansiedade feche meus olhos, pois percebi que minha capacidade está além de minha compreensão.

Quero ainda mencionar, nestas singelas palavras, meus amados professores que partilharam muito mais que suas ciências, deram-me instrumentos essenciais para a reconstrução dos meus sonhos e projetos. Eu certamente não os guardarei na minha mente, pois ela pode me trair com o avançar dos anos, os guardarei em meu coração para sempre tê-los ao meu lado.

Por fim, mas com igual importância, agradeço aos meus amigos de turma, que com suas indagações e reflexões exerceram um papel decisivo na construção e emancipação da minha identidade e conduta como profissional.

Assim, desejo que a Filosofia os encontre e os instigue a buscar cada vez mais o conhecimento.

Sapere Aude!

“A única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas”.

(Jostein Gaarder).

RESUMO

O presente trabalho visa propor uma reflexão sobre o uso dos seriados televisivos, como estratégia de intervenção, no ensino de Filosofia do Ensino Médio. Embora a questão do ensino de Filosofia não seja concebida como uma das questões fundamentais do processo histórico e tradicional da Filosofia, o exercício filosófico na sala de aula não pode ser negligenciado, como apontam Kohan (2004) e Ghedin (2009). A filosofia enquanto disciplina pode ampliar a atuação do indivíduo, dentro e fora do universo escolar, de diferentes maneiras: buscar a compreensão da realidade, repensar os valores e ensinar aspectos cruciais da evolução do pensamento humano. A problemática levantada pelo nosso estudo encontra apoio nas reflexões de Gallo (2012), Rodrigo (2009) e outros comentadores que defendem que o ensino de Filosofia necessita dispor também de eventuais recursos não filosóficos para tornar mais acessível para os estudantes a aprendizagem de temas filosóficos. Nosso estudo evidencia, principalmente, que a aula de Filosofia no Ensino Médio deve ser encarada, como propõem Rorty (2007) e Ghiraldelli Jr. (1999), como uma forma de ampliação da imaginação e do estímulo ao livre pensar para, conseqüentemente, criar uma sensibilidade frente aos dramas humanos que, inicialmente, são considerados estranhos. Tal estímulo dado aos alunos para a prática do livre pensar deve ser feita no intuito de relacionar temáticas do seu cotidiano, possibilitando uma atmosfera que os aproxime das obras e pensamentos de autores filosóficos diversos. A proposta de elaboração de unidades didáticas para mediar o uso de seriados na aula de Filosofia é baseada na filosofia neopragmatista, de Rorty (2002; 2007), que defende o uso de diversos gêneros de narrativa, dentre os quais, os filmes e os programas televisivos, como formas de ampliação de nossa imaginação e, conseqüentemente, da nossa sensibilidade frente aos dramas humanos que, inicialmente, são considerados estranhos. A partir de sua perspectiva, enfatizamos que o uso do seriado pode ser concebido como um recurso eficaz para o ensino de Filosofia, visto que, além de ser uma abordagem temática interessante e criativa para a prática filosófica na sala de aula, também pode atuar como elemento conectivo entre a realidade discente e o conteúdo teórico, conceitual e metodológico da disciplina de Filosofia.

Palavras-chave: Seriados. Ensino de Filosofia. Neopragmatismo. Rorty.

ABSTRACT

The present work aims to propose a reflection on the use of television series as a strategy of intervention in teaching philosophy of high school. Although the question of philosophy teaching is not conceived as one of the fundamental questions of the historical and traditional process of Philosophy, philosophical exercise in the classroom can not be neglected, as Kohan (2004) and Ghedin (2009) point out. Philosophy as a discipline can broaden the individual's performance within and outside the school universe in different ways: seeking understanding of reality, rethinking values, and teaching crucial aspects of the evolution of human thought. The problem raised by our study is supported by the reflections of Gallo (2012), Rodrigo (2009) and other commentators who argue that the teaching of philosophy also needs non-philosophical resources to make it easier for students to learn subjects philosophical. Our study shows, mainly, that the philosophy class in high school should be considered, as proposed by Rorty (2007), Ghiraldelli Jr. (1999) as a way of expanding the imagination and stimulating the free thinking to, consequently, create a sensitivity in front of the human dramas that, initially, are considered strangers. Such encouragement given to students for the practice of free thinking should be done in order to relate the themes of their daily coexistence, enabling an atmosphere that brings them closer to the works and thoughts of diverse philosophical authors. The proposal of elaboration of didactic units for the use of serials in the philosophy class is based on the neopragmatist philosophy of Rorty (2002; 2007) that defends the use of several genres of narrative, among which the films and television programs, as forms of enlargement of our imagination and, consequently, of our sensitivity to human dramas that are initially considered strangers. From its perspective, we emphasize that the use of the series can be conceived as an effective resource for the teaching of philosophy, since besides being an interesting and creative thematic approach to the philosophical practice in the classroom, it can also act as an element connective between student reality and the theoretical, conceptual and methodological content of the discipline of Philosophy.

Keywords: Series. Teaching Philosophy. Neopragmatism. Rorty.

LISTA DE SIGLAS

- MEC - Ministério da Educação
- UFPI - Universidade Federal do Piauí
- PRO-FILO - Mestrado Profissional em Filosofia
- BCNN - Base Nacional Curricular Comum
- LDB - Leis de Diretrizes e Bases

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- O método Socrático.....	46
Quadro 2 - Equilíbrio reflexivo de John Rawls no seriado <i>House</i>	50
Quadro 3 - A teoria da performatividade de Judith Butler no seriado House	53
Quadro 4 - Entendendo sobre as escolhas e seus valores segundo Platão	58
Quadro 5 - Introdução à Filosofia Política em Maquiavel	62
Quadro 6 - Sexualidade e Erotismos.....	64
Quadro 7 - Refletindo sobre a vida diante da morte	69
Quadro 8 - Suicídio e a finalidade do agir humano	72
Quadro 9 - O Iluminismo e o agir moral kantiano	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	17
3	PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA: DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	22
4	RORTY E SUA PERCEPÇÃO FILOSÓFICA	29
5	SERIADOS E A FILOSOFIA	35
5. 1	Conceituação de Seriados	35
5. 2	O uso de seriados no ensino de Filosofia	39
6	TEMAS FILOSÓFICOS NOS SERIADOS	44
6. 1	Temas filosóficos no seriado <i>House</i>: proposta de unidades didáticas .	44
6. 1. 1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: método de Sócrates no seriado <i>House</i>	45
6. 1. 2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Equilíbrio Reflexivo de John Rawls.....	47
6. 1. 3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A teoria da Performatividade de Judith Butler	50
6. 2	Temas Filosóficos no seriado <i>Game of Thrones</i>: proposta de unidade didática	53
6. 2. 1	Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: trabalhando os valores e as escolhas.....	54
6. 2. 2	Proposta de unidade didática para aula de Filosofia no Ensino Médio: introdução à filosofia de Maquiavel.....	58
6. 2. 3	Proposta de unidade didática para aula de Filosofia no Ensino Médio: corpo e erotismo	62
6. 3	Temas filosóficos no seriado <i>The Walking Dead</i>: proposta de unidade didática	65
6. 3. 1	Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: refletindo sobre a vida diante da morte.....	66
6. 3. 3	Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: o Iluminismo de Kant e o Agir Moral	72

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS UTILIZADAS NO TEXTO	79
	REFERÊNCIAS CONSULTADAS	82
	ANEXOS	83
	ANEXO A – TEMA O MÉTODO DE SÓCRATES NO SERIADO HOUSE ..	84
	ANEXO B - O TEMA EQUILÍBRIO REFLEXIVO DE JONH RAWLS NO SERIADO HOUSE.....	85
	ANEXO C - TEMA A TEORIA DA PERFORMATIVIDADE DE JUDITH BUTLER NO SERIADO HOUSE.....	86
	ANEXO D - TEMA OS VALORES E ESCOLHAS NO SERIADO GAME OF THRONES	87
	ANEXO E - TEMA A FILOSOFIA POLITICA DE MAQUIAVEL NO SERIADO GAME OF THRONES	88
	ANEXO F - TEMA CORPO E EROTISMO NO SERIADO GAME OF THRONES	89
	ANEXOS G - TEMA PENSAR NA VIDA REFLETINDO SOBRE A MORTE NO SERIADO THE WALKING DEAD.....	90
	ANEXO H - TEMA SUICÍDIO E A FINALIDADE ULTIMA DO HOMEM NO SERIADO THE WALKING DEAD	91
	ANEXO I - TEMA O ILUMINISMO E O AGIR MORAL KANTIANO NO SERIADO THE WALKING DEAD	92

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia encontra-se em um momento difícil dentro da sala de aula. No nível Médio, há um crescente contexto de desvalorização da disciplina, há uma necessidade de haver materiais didáticos mais atrativos, uma vez que, em sua maioria, as matérias abrangem mais o aspecto reflexivo dentro da história da Filosofia do que o aspecto formativo para a consciência humana.

Como o ensino de Filosofia enfrenta a necessidade de atrair o interesse dos estudantes, essa responsabilidade recai sobre o professor mediador do ensino de Filosofia, que passa a ser mais exigido sobre a verdadeira função dessa disciplina no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade.

Quando a disciplina de Filosofia não causa o efeito esperado nos estudantes, por não serem estimulados a filosofar, surge a necessidade de busca por estratégias didáticas alternativas que contribuam para formação e aprendizagem, buscando desenvolver atividades que promovam a provocação, discussão e produção do pensamento crítico.

Nesse contexto, grande parte dos professores mediadores do ensino de Filosofia, uma vez ou outra, já escutou algum tipo de reclamação por parte de seus alunos sobre o conteúdo da disciplina: uma queixa persistente e erroneamente difundida pelo senso comum de que a Filosofia é uma matéria enfadonha e sem utilidade.

A sala de aula pode se transformar em um excelente cenário para aproximar o estudante da Filosofia, por ser um local propício para se demonstrar o que de fato é o “ato de filosofar”. Assim, surge a necessidade de se aprofundar nos métodos aplicados para o ensino de Filosofia e buscar soluções criativas e alternativas que possam ser adequadas para despertar no aluno o interesse pelo conteúdo filosófico.

Partindo desse pressuposto, de melhorar a aproximação entre os estudantes e a disciplina de Filosofia, este estudo traz a ideia inovadora de unir um elemento literal presente no cotidiano do aluno, com o ensino de Filosofia. A ideia é criar uma aproximação entre a prática da experiência filosófica e o processo de ensino aprendizagem do estudante (em Filosofia), através de um artifício um tanto inusitado que é o uso dos seriados televisivos.

Ao propor o uso dos seriados, busca-se uma sensibilização dos alunos em torno do universo filosófico. Em outras palavras, trata-se de provocar uma mudança

no padrão criado em torno do uso dos materiais utilizados para a aula de Filosofia. Inovar no uso das matérias não significa menosprezar os livros didáticos, as palestras, o café filosófico, os recursos já existentes na experiência de ensino dos alunos, mas ampliar a dimensão e a ação da Filosofia no contexto da sala de aula.

E na dimensão que a Filosofia pode alcançar, também está incluso o uso de elementos literários, dinâmicos e criativos que podem auxiliar na ampliação da perspectiva em torno da problemática filosófica abordada na sala de aula e fora dela. O uso dos seriados na dimensão do ensino contém a ideia de tentar quebrar, de forma gradual, a distância recorrente entre o universo teórico da Filosofia e os equívocos da maioria dos estudantes em torno desta.

A perspectiva de gerar um entusiasmo em torno da aprendizagem traz consigo a intenção de aumentar o rendimento por parte dos estudantes; e essa ideia deve provocar no professor a iniciativa de criar um ambiente empolgante que traga pelo menos algo diferente e inovador. E nesse contexto diferencial existe a possibilidade de utilizar outros recursos, tais como elementos literários capazes de ser utilizados como instrumentos didáticos, que contribuam com a dimensão do ensino e aprendizagem e que faça parte do universo do estudante.

Neste trabalho, a inovação é apresentar algo com o qual o estudante se identifique. Assim, este, ao se identificar com o que está sendo ensinado, tende a criar uma aproximação e a gerar um interesse em torno daquilo que se é discutido, visto que começa a assimilar o conteúdo a partir de sua própria prática cotidiana.

A escolha dos seriados televisivos como recurso estratégico didático é justificada pela sua acessibilidade e receptividade para boa parte do público estudantil e também pelo fato de seus enredos conterem temas que refletem o dia a dia da sociedade, evidenciando pontos de vista sobre várias problemáticas contidas na mente humana.

Na percepção dos estudantes do Ensino Médio, muitas vezes a Filosofia que é apresentada exclusivamente através de livros didáticos, que priorizam o domínio dos conceitos filosóficos e o repasse histórico do pensamento dos grandes autores, transforma o ensino de Filosofia em um contingente teórico cansativo.

O ensino de Filosofia precisa estar mais próximo da prática cotidiana dos alunos para que possa ter uma atuação mais expressiva na vida das pessoas. Se houver interesse pelo ensino de Filosofia, haverá o estudo e a compreensão das ideias dos filósofos e, o mais importante, o aprendizado acerca de como praticá-la.

Nessa perspectiva, o diferencial dos seriados é a sua linguagem acessível e de rápida identificação com o público em geral. Então, se associarmos essa linguagem ao dinamismo do filosofar podemos sanar a dificuldade de aproximação dos alunos com as contribuições dos filósofos.

Diante disso, esta proposta didática tem como parâmetro as orientações suscitadas pelo neopragmatismo de Rorty (2007), que defende que a ação da Filosofia deve estar voltada à uma dimensão do cotidiano das pessoas. O filósofo norte-americano defende que o pragmatismo é como uma espécie de filosofia da mudança e da criação, no qual a quebra da contingência da experiência filosófica é necessária para devolver a Filosofia a sua dimensão atuante no espaço social.

Ele compreende que o processo do filosofar é mais bem-sucedido quando se preocupa não com a indagação, mas com a sensibilização e com a capacidade de usar a imaginação para uma experiência de redescoberta (RORTY, 2007).

Nesse sentido, esta proposta didática tem como objetivo demonstrar que quando associamos um elemento contido no cotidiano do aluno como diferencial, somando a dinâmica articulada da experiência do filosofar, podemos obter um olhar diferente sobre o ensino da Filosofia.

Mediante essa nova abordagem sobre a experiência com a aula de Filosofia, almejamos contribuir não apenas com a formação crítica, mas também com o interesse do aluno sobre sua formação enquanto indivíduo.

Tal tentativa também pode contribuir para criar um ambiente mais amistoso entre o ensino de Filosofia, o professor articulador, os alunos e a sociedade de um modo geral. Nesse novo contexto, a corriqueira indagação “para que serve a filosofia?” seria considerada apenas como um motivo inicial para o estabelecimento de conversações edificantes (RORTY, 1994).

Diante do exposto, nossa dissertação está estruturada em cinco capítulos, descritos a seguir.

No primeiro capítulo, abordamos brevemente o ensino de Filosofia. Trata-se de uma discussão sobre alguns pontos que permeiam a questão do ensino dessa disciplina, sua relevância e como este vem sendo conduzido pela escola e seus docentes. Essas questões devem ser tratadas com muito interesse e seriedade, uma vez que o ensino de Filosofia é abordado como uma problemática filosófica pertinente (GALLO, 2012).

O segundo capítulo contempla a descrição metodológica da pesquisa, caracterizada como um trabalho de elaboração teórica com culminância prática, evidenciado pelas possibilidades de uso dos seriados televisivos nas aulas de Filosofia, com o intuito de estimular e atrair um maior interesse para a mesma. Assim, apresenta também a articulação entre a Filosofia no Ensino Médio e os seriados televisivos mediante a proposta de elaboração de unidades didáticas que contemplam temas filosóficos extraídos de cenas ou diálogos oriundos dos seriados.

No terceiro capítulo, como a proposta de uso de seriados nas aulas de Filosofia provém das ideias originais de Rorty (2007), tentamos evidenciar as linhas gerais de sua concepção de Filosofia para demonstrar como sua perspectiva filosófica pode servir para articular a disciplina escolar Filosofia com os seriados.

No quarto capítulo, temos uma breve descrição das características distintivas dos seriados bem como seu potencial, como recurso não filosófico, para fomentar a aproximação dos alunos com o conteúdo filosófico, de modo a estimular a prática do uso da Filosofia como mediação entre a teoria e a prática.

O capítulo cinco encerra nossa proposta de unidades didáticas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, a partir de três seriados: *House*, *Game of Thrones* e *The Walking Dead*. Após a descrição de cada seriado, apresentam-se algumas possíveis articulações temáticas para o ensino de Filosofia. Tais possibilidades conectivas são concentradas em três planejamentos de aulas, para cada seriado, todos com seus respectivos quadros.

Trata-se de uma exemplificação de aulas, cujos temas e as problemáticas filosóficas apresentadas nos episódios demonstram como é possível unir a filosofia e os seriados. Os quadros podem ser tomados como base para o planejamento da aula, como um tipo de itinerário que objetiva nortear o professor na sua dinâmica de trabalho dentro do contexto da sala de aula.

Nesse cenário, o estudo propõe uma alternativa para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Assim, encerra uma tentativa de diminuir o desinteresse dos educandos a partir da aproximação do conteúdo filosófico com os seriados televisivos. Essa nova abordagem, dos seriados como ferramenta didática, visa aproveitar essa prática cultural que boa parte dos discentes traz de seus cotidianos e, de alguma forma, usar isso para provocar uma mudança salutar dentro das aulas de Filosofia.

2 ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A Filosofia tenta gerar nos indivíduos uma tomada de consciência crítica que possa conduzir o homem na busca do saber, a indagar sobre o que acontece à sua volta e, quem sabe, ajudar a reformar seus conceitos pré-estabelecidos. Nessa busca, a Filosofia traz consigo uma identidade específica que necessita de compreensão, e entendimento, e a sua atuação no Ensino Médio produz uma problemática: “Qual a melhor maneira de se ensinar filosofia enquanto disciplina?”

Logo, esse problema conduz quem administra a disciplina em sala de aula, a pensar na afirmação kantiana de que não se ensina Filosofia, mas sim a filosofar. Então, como filosofar dentro da aula? Como de fato deve ser a aula de Filosofia? O que deve ser ensinado na aula de Filosofia?

Essas indagações certamente exigem respostas e cabe à Filosofia tentar encontrá-las, visto que grande parte dos professores dessa disciplina traz consigo o desejo de que sua aula seja dinâmica e criativa; e, conseqüentemente, aproxime os alunos das obras e pensamentos dos diversos autores filosóficos, implicando na expectativa de transformar a sala de aula numa comunidade de pesquisa (NASCIMENTO, 2017).

Concomitante a esse desejo os professores que possuem a prática docente no Ensino Médio são abordados por perguntas do tipo: “Para que preciso da aula de Filosofia?”; “A Filosofia serve para quê?”; “Onde vou usar isso?”; “Isso vai melhorar minha vida em quê?”.

Surge então uma busca dentro da problemática sobre o ensino de Filosofia, que está em como tornar o ensino dessa disciplina um pouco mais atrativo e que possa causar uma sensibilização eficaz. Isso porque a Filosofia tem uma preocupação em saber qual a melhor maneira de realizar o seu próprio ensino sem perder sua essência, sem perder a experiência do filosofar e isso implica na necessidade de:

Construir uma forma de trabalho que associe a aprendizagem da Filosofia com o aprender a filosofar, implica romper com as concepções que reduzem a história da Filosofia a uma crônica do passado, ou a uma espécie de arquivo morto sobre a obra de grandes filósofos (RODRIGO, 2015, p. 50).

Ao considerar a prática docente na educação secundária e as dificuldades encontradas por muitos alunos para compreender o ensino de Filosofia, o professor

se defronta com um cenário de desmotivação e de inúmeras dificuldades. A principal delas é ocasionada pelo quadro de desinteresse por parte dos alunos, em especial, os alunos do Ensino Médio. Dessa forma, o professor necessita encontrar uma maneira de ensinar Filosofia, sem afetar sua característica reflexiva, e tentar criar uma didática mais criativa.

O objetivo central para o qual devem convergir os esforços e a metodologia a ser implementada consiste em introduzir o aluno à Filosofia, quer dizer, levá-lo para dentro e inseri-lo numa forma específica de saber, em duplo aspecto: em relação a determinado conteúdo e a certos procedimentos concernentes à aquisição desse conteúdo (RODRIGO, 2009, p. 24).

Assim, a investigação por melhores métodos para se ministrar a aula de Filosofia aponta que a possível causa desse desinteresse é a falta da demonstração entre a teoria filosófica e sua prática cotidiana. Por isso, na aula de Filosofia deve-se utilizar elementos que aproximam o aluno do saber, como o uso dos textos filosóficos, o uso de debates temáticos, cafés filosóficos, filmes entre outros, pois “[...] o professor necessita de determinados mecanismos que façam a mediação com seus alunos, para que esses possam a começar a filosofar” (ASPIS, 2009, p. 71).

Também é importante destacar que no espaço escolar a disciplina Filosofia tem incumbências que vão além do ensino de seu próprio conteúdo. Sob sua responsabilidade também recai a formação ética, política e cultural do educando.

[...] o ensino de Filosofia no espaço escolar, além de ter o encargo de oferecer ao educando um referencial da cultura produzida pela disciplina em sua relação histórica, deve propor-lhe uma formação ético-política que possibilite compreender significativamente as relações de poder presentes na sociedade atual e sua responsabilidade ética na humanização dessa sociedade (GHEDIN, 2009, p. 37-38).

Nesse sentido, os autores apontam que umas das tentativas de solucionar a problemática contida no ensino de Filosofia é que esta se propõe a dialogar consigo mesma, com sua própria história na busca da melhor maneira de se falar dela enquanto disciplina (ASPIS, 2009).

Assim, quando discutimos a história da Filosofia, somos apresentados a modos distintos de filosofar, visto que o próprio currículo do ensino de Filosofia tem a proposta de fazer um passeio por sua essência, na qual muitas ideias foram apresentadas para tentar resolver as mais variadas indagações (RODRIGO, 2009).

Por sua vez, Gallo (2012) mostra que dentro dos discursos apresentados, por muitas vezes a disciplina de Filosofia, dentro da sala de aula, não causa o efeito

esperado por não ser mostrada de maneira “filosófica” e, por isso, os alunos não são estimulados a “filosofar”. A partir dessa linha de pensamento, compreende-se que a Filosofia precisa impactar, ter uma dinâmica específica para o seu ensino, devemos buscar um discurso mais apropriado a ela enquanto disciplina para que os alunos possam ter a noção correta do que a Filosofia de fato ensina.

Em outras palavras, o docente precisa ajudar seu aluno a construir e potencializar sua capacidade crítico reflexiva, e isso inclui demonstrar a aplicação dos conceitos teóricos e relacioná-los com suas vivências cotidianas. Tal perspectiva é ilustrada pela ideia contida no conceito de Deleuze sobre como a aula de Filosofia deve ser pensada, isto é, como uma oficina de conceitos: “A Filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10).

Dessa maneira, somos conduzidos a perceber que a união dos elementos da prática cotidiana dos alunos com os conceitos filosóficos pode contribuir para propiciar a eles uma consciência emancipatória. Isso porque, dentro de uma atmosfera educacional atrativa e enriquecedora, proporcionada pela aula como um espaço da oficina de conceito, o ensino de Filosofia começa com a própria utilização de mecanismos presentes no universo de vivência do educando.

Nessa perspectiva, a aula de Filosofia ganha sentido muito interessante ao ser tomada como uma “oficina de conceito” se a metodologia de trabalho se dará utilizando as ferramentas do diálogo do debate, da reflexão, etc. É uma discussão posterior; o fundamental é que a aula garanta o contato dos jovens com o instrumento conceitual (GALLO, 2012, p. 92).

E dentro da aula de Filosofia existe a possibilidade de utilizar instrumentos que auxiliem na aproximação do aluno ao saber, justificando assim a proposta de trabalho apresentada neste estudo, que é utilizar as séries televisivas, pois estas são um dos inúmeros elementos não-filosóficos que podem vir a ser utilizados na prática do ensino de Filosofia.

Surge assim a proposta que deve ser construída em torno do ensino de Filosofia, que é promover uma emancipação dos educandos, provocando sua própria produção de conceitos, ou melhor, sensibilizando-os para o exercício do filosofar, transformando assim a sala de aula num cenário que expresse a presença do estudo da Filosofia no Ensino Médio.

Na contemporaneidade, a definição acerca do estatuto legal que regulamenta o ensino de Filosofia é que a Filosofia perde seu caráter de obrigatoriedade no

Ensino Médio, no âmbito nacional, e segue a tramitação sobre sua condição e situação nos âmbitos curriculares, em níveis estaduais e municipais, condição na qual evidencia uma luta recorrente ao longo dos anos, em que a Filosofia enfrenta momentos de altos e baixos e muitas vezes sofrendo represália e proibição da sua ação.

Nesse cenário, a experiência histórica brasileira nos reporta à década de 1970, na qual, por decorrência do regime militar, o ensino de Filosofia foi retirado do currículo nacional e minimizado a ser trabalhado como temas transversais nas escolas.

Após décadas de exclusão ou marginalização no currículo escolar, a Filosofia retorna ao ensino regular, no ano 2008, com a reforma da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), através da lei de n.11.684/2008 regulamentando a sua obrigatoriedade no currículo. A referida lei: “[...] Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio” (BRASIL, 2008).

Mesmo com o cumprimento da lei, a Filosofia volta a passar por uma fase difícil, sendo descrita como uma fase obscura, visto que a conjuntura política tenta, mais uma vez, desvalorizar o ensino de Filosofia. No corrente ano, 2019, o Congresso Nacional aprovou um projeto de lei que propõe modificações na estrutura do ensino médio brasileiro, articulando o que conhecemos como BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Nessa nova base curricular consta que o ensino de Filosofia deixa de ser obrigatório para as duas últimas séries do Ensino Médio, as quais serão cursadas apenas se for opção do aluno devidamente matriculado.

O histórico de lutas que a Filosofia enfrenta para se consolidar leva todos os docentes da disciplina a ficarem temerosos com o futuro, uma vez que ainda sofremos atrasos no desenvolvimento da experiência do filosofar causado pela repressão da época da ditadura militar.

Na certeza de que o ensino de Filosofia pode contribuir para a melhoria da capacidade crítica dos alunos, a possível retirada da sua atuação no currículo gera um clima de incertezas e um futuro duvidoso para o desenvolvimento dos educandos brasileiros.

Contudo, independente das indefinições acerca da questão legal sobre a obrigatoriedade do ensino de Filosofia no nível médio, a questão dos recursos disponíveis para o professor dessa disciplina ainda permanece. Mediante nossa experiência profissional, presenciamos diversas situações que demonstram a precariedade no que diz respeito ao conteúdo do material didático voltado para o ensino de Filosofia. Não há livros que contemplem, de forma abrangente e satisfatória, os conteúdos programáticos divididos a partir de suas séries de aplicação.

Em outras palavras, no contexto atual, não é possível encontrar conteúdos e atividades específicas para os estudantes de Filosofia do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Um exemplo desse problema pode ser evidenciado na segmentação do conteúdo: enquanto em alguns livros temos a centralidade dos temas transversais; outras obras didáticas e paradidáticas priorizam sistematicamente a história da Filosofia (ARRUDA, 2007; COTRIM, 2017).

Diante disso, buscaram-se alternativas que pudessem auxiliar nossas atividades docentes no ensino da Filosofia. Um exemplo são as sugestões de alguns autores que propõem como recursos, para a prática do docente em Filosofia, elementos não filosóficos tais como arte, música, literatura, cinema, dentre outros (GALLO, 2009; RORTY, 2007).

Nesse viés, nos identificamos, especificamente, com a proposta neopragmatista, que defende a possibilidade de usar elementos não filosóficos, denominados formas de narrativa para o ensino de Filosofia. Dentre tais formas, é possível citar como exemplo a obra “O mundo de Sofia”, de Gaarder (2011), onde o autor trabalha um itinerário da história da Filosofia na narrativa do romance.

Nessa linha de pensamento, também são consideradas viáveis como formas de narrativa para a expressão filosófica e seu ensino, aforismo e poemas, como os de Nietzsche, dentre outros. Os elementos não filosóficos contribuem com a ampliação e aproximação das problemáticas filosóficas e de seus respectivos autores com seus interlocutores, os alunos, demonstrando a abrangência e a diversidade da atuação da Filosofia.

Para fins de delimitação temática, mas também por afinidade e receptividade discente, foram escolhidos os seriados como elemento narrativo a ser usado como recurso para o ensino de Filosofia. Desse modo, esta proposta consiste em elaborar unidades didáticas para o ensino dessa disciplina, com a intenção de não fazer um trabalho muito abrangente, mas que razoavelmente possa contemplar os conteúdos e atividades específicas para todos os anos de ensino de Filosofia no Ensino Médio.

3 PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA: DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

O presente estudo é uma elaboração teórica que contempla uma culminância prática, visto que será elaborada uma proposta de uso dos seriados televisivos para o ensino de Filosofia, com o objetivo de estimular e atrair um maior interesse para essa disciplina.

Além disso, este estudo pretende expor uma importante problemática acerca do ensino de Filosofia: descobrir quais seriam as melhores metodologias para se conseguir êxito nesse ensino. Contudo, ressalta-se que não temos a pretensão de oferecer uma resposta definitiva para essa questão, mas tão somente contribuir para ampliar o rol de opções metodológicas e de recursos à disposição dos docentes de Filosofia.

Assim, como apoio central para realização do trabalho, temos a influência pragmática de Richard Rorty, com sua proposta favorável ao uso de elementos narrativos para proporcionar experiências filosóficas. É a partir dessa conceituação de caráter prático que o interior da sala aula pode ser considerado pragmaticamente, um verdadeiro laboratório do pensar (NASCIMENTO, 2017).

Dessa forma, esta elaboração teórica tem o intuito de conduzir a uma aplicação prática, de maneira específica no uso dos seriados televisivos dentro da aula de Filosofia e como esses recursos podem contribuir no desenvolvimento desta.

Nessa perspectiva, trata-se de adotar uma conduta pedagógica que, simultaneamente ao ensino de conteúdos filosóficos, desenvolva as capacidades necessárias ao exercício da reflexão filosófica. Tal conduta traz implícita uma postura política que procura investir numa democratização do saber que vá além da mera expansão quantitativa, de modo a produzir um ensino de qualidade para todos, na medida do possível e com todas as dificuldades e riscos que esse projeto comporta. (RODRIGO, 2015, p. 52)

A análise teórica com base na literatura especializada parte do pressuposto que o estudante sente uma certa dificuldade na aproximação com o conteúdo filosófico, gerando assim um desinteresse e, portanto, criando uma dificuldade de assimilação das teorias filosóficas. Na condição de perceber esse ponto contido na problemática do ensino de Filosofia, este estudo visa provocar uma reflexão sobre como aproximar os alunos, em especial os do Ensino Médio, ao universo da Filosofia dentro da sala de aula.

A metodologia consiste em demonstrar através dos seriados os conteúdos filosóficos, buscando uma inovação dentro da sensibilização do aluno, esperando que ele, ao perceber o universo da Filosofia de uma forma menos convencional, desperte o interesse pela disciplina a partir desses estímulos e alternativas para o pensar filosófico.

A análise do estudo consiste em uma experiência de intervenção, onde não se contempla apenas uma elaboração teórica, mas que também possua um viés prático, caracterizado pela produção de esquemas demonstrativos para o uso dos seriados no âmbito das aulas de Filosofia. Tal proposta é respaldada nos seguintes termos:

O trabalho de conclusão do curso de mestrado profissional em filosofia do PROF-FILO versará sobre um processo planejado e implementado pelo aluno no contexto de sua prática docente como professor de Filosofia, com o objetivo alcançar resultados e suscitar discussões que motivem outras intervenções similares em favor da expansão e da melhoria do ensino de Filosofia (REGULAMENTO PROF-FILO, 2017).

Desse modo, fica evidente que o presente estudo não pretende resolver a problemática metodológica em torno do ensino de Filosofia, mas sim trazer uma abordagem que produza reflexão filosófica e que possibilite que as aulas possam ser transformadas de tal maneira que o universo teórico filosófico se aproxime da realidade dos alunos de um modo familiar a eles. Especificamente, nossa proposta é caracterizada como uma produção teórica e prática:

O trabalho [...] Constará de duas partes, uma teórico-crítica e outra prático-propositiva. §2º. A primeira parte consistirá de um estudo teórico sobre o tema trabalhado, podendo incluir revisões bibliográficas, estudos sobre temas, autores ou obras da História da Filosofia pertinentes ao tema e análises do saber prático disseminado sobre o tema. §3º. Desde que contemple o caráter prático precípua à própria natureza do mestrado profissional, a segunda parte poderá assumir diversos formatos tais como: implantação de propostas curriculares ou de unidades ou sequências didáticas, produção e recepção de publicações e demais recursos didáticos (tais como, mídias audiovisuais ou digitais), desenvolvimento de processos ou instrumentos de avaliação, projetos diversos de intervenção no espaço escolar com o acervo cultural e crítico da Filosofia, etc. [...] (REGULAMENTO PROF-FILO, 2017).

A composição de nossa proposta didática foi influenciada pelo posicionamento pragmático que implica numa perspectiva de ensino um pouco mais dinâmico e ativo, que objetiva sensibilizar os educandos. Essa posição ativa está contida na visão de Rorty (2007), na obra *Contingência, Ironia e Solidariedade*, na

qual ele demonstra como é possível fazer refletir filosoficamente a partir de elementos não filosóficos. Em síntese, ele conduz ao entendimento de que a Filosofia não pode estar presa apenas a grandes debates teóricos, mas que ela deve priorizar um fazer prático e se ocupar em resolver as problemáticas humanas.

Isso reflete na questão do ensinar Filosofia, pois a prática de ensino em sala de aula, especialmente no nível médio, exige a dinâmica de tentar estabelecer estratégias que viabilizem a aproximação das contribuições dos autores filosóficos com os alunos. Trata-se de um posicionamento ativo para o ensino de Filosofia, ou seja, tentar quebrar a hegemonia de uma filosofia focada nas grandes questões teóricas e estanque no passado para, em contrapartida, investir numa filosofia mais aberta para a discussão de questões sociais e humanas atuais.

Esse é um desafio importante, visto que a Filosofia não consegue fazer essa aproximação sozinha, isso é tarefa para os elementos narrativos: “[...] essa é uma tarefa não para a teoria, mas para os gêneros como etnografia, a reportagem jornalística, o livro de histórias em quadrinhos, documentários dramatizados e, em especial, romance. [...]” (RORTY, 2007, p. 20).

Assim, nessa perspectiva pragmatista, o uso dos seriados é deveras importante para ajudar a Filosofia nessa aproximação, pois esse gênero narrativo não é apenas de fácil assimilação, mas também ocupa uma grande aceitação por boa parte dos educandos.

Para fins de composição da proposta didática, o modelo expositivo escolhido foi baseado nos estudos de Rodrigo (2009), que apresenta algumas interessantes construções esquemáticas que contemplam a prática e a teoria para as aulas de Filosofia no nível médio.

Nesse sentido, foram ainda levadas em consideração algumas sugestões metodológicas recomendadas por Gallo (2012), que defende que dentro da aula de Filosofia, há uma necessidade de ajudar os alunos a construir seus próprios conceitos e, com isso, realizar de fato o exercício do filosofar.

Apesar de não seguirmos a linha de pensamento desse autor, compartilhamos seu entusiasmo pelo uso de elementos não filosóficos, sendo importante notar que ele aponta que o exercício de filosofar em sala de aula deve passar pelo método da fabricação de conceitos. Essa metodologia para o ensino de Filosofia, baseada nas ideias do filósofo francês Deleuze (1997), só se tornaria bem-sucedida se quatro etapas fossem seguidas.

[...] a pedagogia do conceito poderia estar articulada em torno de quatro momentos didáticos: uma etapa de sensibilização; uma etapa de problematização; uma etapa de investigação; e finalmente uma etapa de conceituação [...] (GALLO, 2012, p. 95)

Diferentemente da proposta metodológica citada acima, que estabelece essa sequência de quatro critérios, a proposta inspirada no neopragmatismo de Rorty é mais flexível, uma vez que prioriza, a partir do uso de seriados, a sensibilização do aluno em torno do conteúdo filosófico. Essa sensibilização pode ocorrer ou não, porque o tema de um determinado seriado pode não ser familiar ou relevante para um determinado grupo de alunos.

Nessa perspectiva, é importante diversificar os enredos dos seriados e também suas conexões com as temáticas filosóficas. Se houver a sensibilização, caracterizada por algum tipo de identificação ou indignação com algo expresso nos diálogos ou cenas dos seriados, a aceitação da exposição filosófica será mais proveitosa para os educandos, pois eles compartilharão de uma base comum, a linguagem mais próxima de suas realidades e as problemáticas levantadas por eles, para adentrar no universo teórico da Filosofia.

Assim, o estudo traz os seriados como um elemento que concilia o princípio ativo do uso da Filosofia, a posição pragmática e a etapa de sensibilização para o desenvolvimento do ato de ensinar essa disciplina. Aqui, o ponto norteador é provocar uma reflexão de como o uso dos seriados pode contribuir no desenvolvimento de uma metodologia alternativa para o ensino de Filosofia.

Como mencionado anteriormente, o campo de fundo para a análise teórica deste estudo é a dificuldade que existe no ato de ensinar Filosofia, que é transpassado por questões das mais diversas naturezas, tais como: metodologia a ser aplicada, conteúdo didático, currículo escolar, material didático a ser seguido, a permanência ou não na base curricular do Ensino Médio, dentre outras.

Nesse sentido, nossa elaboração conceitual irá se concentrar no âmbito da metodologia, visto que a reflexão parte do princípio de que se aproximarmos os educandos da experiência filosófica a partir dos seriados, pode haver uma melhora significativa no seu processo de aprendizagem. Por conseguinte, este estudo irá exemplificar, através de um manual prático-didático, como pode ser possível o uso desses gêneros narrativos dentro do aprendizado da disciplina de Filosofia.

Conforme nossa proposta, o professor mediador do ensino de Filosofia terá em mãos um roteiro para ajudar na sua prática pedagógica, um guia metodológico que consiste em ajudar a visualizar questões filosóficas contidas dentro de alguns dos episódios dos seriados.

Assim, o aluno seria inicialmente exposto aos episódios dos seriados escolhidos para, em seguida, ser conduzido a uma leitura pessoal, sem a participação prévia do professor. Posteriormente, após sua exposição, o estudante seria convidado pelas indicações do professor a perceber questões sociais e problemáticas que muitas vezes passam despercebidas dentro do drama.

Isso exige um pouco de habilidade por parte do mediador da disciplina. Primeiro para poder perceber as questões filosóficas no cotidiano que são retratadas no seriado. E depois, para fazer as interpelações e conexões necessárias com o universo dos alunos, contribuindo para que visualizem também as questões em seu dia a dia.

Contudo, é necessário que o docente permita o uso livre do pensar, para que os estudantes, ao serem provocados pela consciência de que existem elementos do seu cotidiano que estão presentes nos programas televisivos, possam se sentir estimulados a manifestar livremente suas ideias, sentimentos e opiniões.

Após serem sensibilizados por essa dinâmica, a constatação da presença de temas filosóficos nos seriados implicará no entendimento de que também nas suas vidas, nas suas respectivas realidades, a Filosofia está presente. Assim, poderão constatar a presença das questões filosóficas em locais variados, principalmente no seu próprio cotidiano, contribuindo para que a disciplina Filosofia seja vista mais favoravelmente pelos discentes, como algo relevante para suas vidas.

Depois de todo esse trabalho de sensibilização, o professor mediador poderá então aprofundar os temas e problemas contidos nas obras dos autores que compõem a história da Filosofia, apresentando os pensamentos destes por uma nova forma, e não somente como mais um conteúdo curricular.

O intuito não é menosprezar a história da Filosofia ou separar o contato direto com as obras dos autores, mas tentar repassar o conteúdo filosófico de uma maneira mais dinâmica e criativa, minimizando o aspecto de que a Filosofia seria uma disciplina que prioriza apenas a teoria e dando-lhe um caráter mais efetivo de intervenção na ação humana.

Embora especialistas apontem para as dificuldades encontradas por muitos alunos no entendimento da linguagem dos autores clássicos, considera-se também que não é possível simplesmente resumir seu conteúdo sob pretexto de facilitar a aprendizagem, uma vez que isso poderia deturpar o conteúdo filosófico. Desse modo, é necessário que se descubra uma dinâmica mais elaborada que possa suprir essa necessidade didática sem comprometer o conteúdo da disciplina.

A reformulação didática tem seu ônus: o que se ganha em acessibilidade, perde-se em termos de complexidade teórico-reflexiva. Por isso possui caráter ambivalente: seu empobrecimento por meio do processo de simplificação constitui, simultaneamente, condição da possibilidade de certa democratização do acesso ao saber especializado (RODRIGO, 2009b, p. 88).

Assim, esta proposta didática tem o intuito de contribuir com a aproximação e melhorar o relacionamento dos alunos, especialmente do Ensino Médio, com o conteúdo filosófico e suas problemáticas. O objetivo é tentar minimizar a distância dos alunos em relação ao universo da experiência filosófica. Por isso, nosso estudo visa aproximar o aluno ao mundo da Filosofia, através de uma maneira inusitada e criativa, usando o recurso da linguagem contida nos gêneros narrativos, no caso, os seriados televisivos.

No capítulo que encerra a proposta de produção de unidades didáticas, foram elaborados alguns quadros, para ilustrar o modo como os seriados podem vir a ser usados como uma inspiração para auxiliar na construção e planejamento da aula.

Os quadros estão dispostos com sugestões de conteúdo, auxiliados por textos dos autores filosóficos e suas referidas obras, além de sugestão de atividades práticas para serem executadas com os alunos, de modo a promover integração entre eles e com os demais agentes escolares, com a intenção de dinamizar ainda mais o dia a dia educacional.

As ilustrações de certos episódios dos seriados representam algumas possibilidades de interlaço com o conteúdo filosófico, para demonstrar como é possível estabelecer e iniciar uma experiência filosófica em sala de aula, a partir de fragmentos de diálogos ou de imagens específicas para iniciar proveitosas discussões em torno das inúmeras problemáticas filosóficas.

Dessa forma, os referidos quadros não devem ser encarados como mais um modelo e sim como sugestões que podem vir a auxiliar na produção de ideias

críticas em aula. Cada docente, conforme sua experiência formativa, conhecimento, cultura e propósitos didáticos, poderá fazer as mediações e conexões necessárias entre os seriados e a Filosofia.

4 RORTY E SUA PERCEPÇÃO FILOSÓFICA

Neste capítulo, apresentamos um estudo sobre a visão filosófica de Richard Rorty (1931-2007), que apresenta um novo modo para o praticar filosófico. Na sua perspectiva, é necessário fazer uma distinção entre um tipo de Filosofia considerada tradicional e desvinculada dos problemas práticos da sociedade contemporânea e um tipo de Filosofia centrada em aspectos culturais, históricos e sociais. O primeiro tipo seria representado pela sua versão tradicionalista e também pela Filosofia analítica. O segundo tipo seria expresso pela sua versão de neopragmatismo e denominada por ele de Filosofia transformadora (RORTY, 2006).

Rorty nasceu em Nova York, era filho de militantes socialistas trotskistas, adeptos ao socialismo e foi influenciado pelas ideias do pragmatista clássico John Dewey. Talvez daí tenha nascido sua principal ligação com a Filosofia e essa influência foi tanta que se bacharelou e se tornou mestre em Filosofia pela Universidade de Chicago e, mais tarde, o doutorado em Yale.

Dessa forma, tornou-se um filósofo reconhecido internacionalmente, lecionando nas principais Universidades dos Estados Unidos, tais como Princeton, Virgínia e Stanford. Ele afirma que, filosoficamente, esteve absorvido durante longos anos pelo projeto platônico de tentar abarcar a realidade e a justiça numa só visão.

Conforme seu relato, foi somente depois de muito tempo que ele percebeu que não daria para continuar arraigado às ideias de Platão, por não conseguir abarcar as duas nuances, a justiça e a realidade, numa só perspectiva. Em virtude disso, ele passou por uma crise intelectual que culminou no abandono do ideal platônico (RORTY, 2007).

Esse abandono platônico permitiu sua compreensão de que a realidade e a justiça são coisas diferentes, unidas apenas por ideais contingentes. Por isso, em sua obra *“Contingência, Ironia e Solidariedade”*, ele defende a ideia de que a realidade, para qualquer pessoa, é aquilo que ela ama e suas certezas nascem de seus projetos privados.

Historicamente, Rorty tem as fases da evolução do seu pensamento ligadas ao processo de desenvolvimento do pragmatismo, que primeiramente foi influenciado por John Dewey (1859-1952); em seguida, pelas aspirações analíticas dos filósofos do Círculo de Viena; e, por fim, a fase que é interpretada como ruptura pelos historiadores da Filosofia.

A grande vertente do pragmatismo ou neopragmatismo é caracterizada pela ênfase crítica à maneira como a Filosofia vem sendo conduzida e interpretada ao longo da história. “O neopragmatismo rortyano é uma forma de naturalismo. Significa, portanto, a rejeição às explicações de cunho transcendentalista que não levam em consideração o processo de naturalização da vida” (NASCIMENTO, 2017, p. 178).

Com essa crítica, ele elevou a sua visão de mundo, provocando a ideia de que a experiência contida na Filosofia pragmática é uma filosofia da criação e da mudança. Para Rorty, a Filosofia não precisa priorizar as questões epistemológicas do conhecimento, mas sim as questões políticas que focam nas tentativas de resolução de problemas práticos da vida social da humanidade.

Nesse cenário, ele rompe com a tradição da Filosofia analítica, alegando que seja necessário haver um reconhecimento acerca de sua contribuição para a própria história da Filosofia, esta havia se tornado uma relíquia do passado, visto que se ocupou em diluir os problemas filosóficos, os chamados pseudoproblemas, em análises linguísticas, sem trazer mais nenhuma contribuição posterior para a evolução prática filosófica (RORTY, 1994).

Assim, enfatiza que essa ruptura é o ponto de partida para a sua nova visão filosófica, ele se afasta das análises linguísticas em prol de uma experiência filosófica mais próxima das questões sociais de seu tempo. Rorty acreditava que a Filosofia precisava se ocupar das explicações mais práticas, uma espécie de “ação terapêutica” focada em dar respostas às questões propostas e não se concentrar apenas em reformular proposições e argumentações (NASCIMENTO, 2017).

Essa ruptura gerada pelo filósofo norte-americano o aproxima de uma Filosofia focada nas ações sociais, levando-o a criar uma narrativa mais ligada à história cultural, conhecida posteriormente como a Filosofia da cultura. É nessa fase mais social que Rorty defende que as pessoas possuem descrições relativas aos seus propósitos, mas não observam isso. Na sua visão, as descrições devem ser pensadas como instrumentos dentro de uma caixa de ferramentas e que cada indivíduo deve usar para os seus próprios fins específicos.

O neopragmatismo proposto por Rorty tenta se afastar das respostas já apresentadas até o momento pela Ciência, estabelecendo uma espécie de diálogo que culmina no processo de abandono de crenças antigas.

Ele acredita que se alterarmos nossas crenças e desejos a respeito de nós, dos outros, e do mundo estamos certamente alterando nosso comportamento linguístico e, sendo assim, mudando nosso comportamento em geral [...]. (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 61).

De acordo com o teórico, é assim que se altera a realidade cultural e social, pois cada indivíduo age segundo sua leitura de mundo, ou melhor, interage de acordo com seu entendimento. Para que seja possível alcançar algo que se deseja, há a necessidade de se propor uma redescrição para mudar o mundo.

A Filosofia de Rorty enfatiza o uso da ferramenta conceitual chamada por ele de redescrição, uma vez que no seu entendimento, as descrições de todas as coisas podem ser utilizadas como ferramentas e, desse modo, podem passar pelo processo de substituição. Por isso, é necessário que se use a imaginação para que se possa obter o máximo de alternativas possíveis para efetuar tais alterações.

A redescrição é uma tarefa da imaginação. É com imaginação que redescrivemos a nós, aos outros e ao mundo de modo que podemos nos ver incluídos, junto com indivíduos que até então pensávamos não ter qualquer coisa em comum [...] (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 62).

A experiência redescritiva que Rorty aponta culmina numa mudança de mentalidade, auxiliando na substituição de crenças e também na criação de uma espécie de solidariedade, através da qual os seres humanos se reconhecem como semelhantes. Nas suas palavras:

Em minha utopia, a solidariedade humana seria vista não como um fato a ser reconhecido, mediante a eliminação do “preconceito” ou o mergulho em profundezas antes ocultas, mas como um objetivo a ser alcançado (RORTY, 2007, p.20).

A expressividade pragmática rortyana na educação também tem um papel significativo nessa experiência redescritiva, visto que educar e reeducar precisa ser um processo contínuo, no qual os professores seriam protagonistas na criação de novos mundos.

Nessa perspectiva, Rorty afirma que a educação é uma experiência de individualização e socialização em que os professores, em especial os de Filosofia, podem conduzir os jovens a entenderem que a sociedade se comporta como se vivesse em uma dúvida cética e que o caminho para a mudança é uma reforma social contínua.

Para Rorty (1997 *apud* GHIRALDELLI, 1999, p. 75):

[...] se a educação pré-universitária produz cidadãos instruídos e se a educação universitária produz indivíduos autônomos, carece completamente de importância saber se estão ou não ensinando a verdade aos estudantes [...]

Ele também defende que os professores poderiam ministrar conteúdos que apontem para um desejo de mudança e de aperfeiçoamento moral e social, criando assim uma tentativa de socialização compatível com a individualidade de cada um.

Se encararmos o conhecer não como tendo uma essência a ser descrita por cientista ou filósofos, mas antes como um direito, pelos padrões correntes, de acreditar, então estaremos bem no caminho de ver a conversação com o contexto último dentro do qual o conhecimento deve ser compreendido (RORTY, 2008, p. 381-382).

Assim, a filosofia proposta por Rorty aponta um caminho que gera uma nova perspectiva do modo como o ensino deve ser conduzido, ou seja, o ensino de Filosofia associa-se a uma nova percepção que prioriza a redescrição através do auxílio dos elementos não filosóficos (narrativas). Tal convicção parte do pressuposto de que é preciso produzir melhores estímulos à imaginação dos educandos para gerar uma grande intervenção social a partir da sala de aula. Ele exemplifica que “a literatura contribui à ampliação da capacidade de imaginação moral, porque nos faz mais sensíveis na medida em que aprofunda nossa compreensão das diferenças entre as pessoas e a diversidade de suas necessidades” (RORTY, 2002, p. 158-159).

Rorty acrescenta ainda que a experiência filosófica progride não se tornando conceitualmente mais rigorosa, mas como uma experiência de imaginação e de criação que sensibiliza na medida em que se constrói novos conceitos. A posterior apropriação disso, focada no caso do ensino de Filosofia, pode resultar na utilização desses vocabulários alternativos (redescritos), para auxiliar os jovens a serem mais atentos à sua própria realidade social.

Rorty aponta para a existência de duas filosofias, uma que trata a filosofia com “f” e não uma com “F”, a qual simboliza as passagens de uma filosofia com fundamentação centrada no domínio de conceitos teóricos para uma mais relacionada com a prática cotidiana. Em outras palavras, ele faz referência a duas maneiras de se fazer filosofia, uma mais centrada nos paradigmas epistemológicos e outra um pouco mais educacional que visa à edificação das pessoas (RORTY,

1994). Como a hegemonia na tradição filosófica está ligada a uma conceituação mais teórica, Rorty tenta trazer uma visão mais ampla sobre a condição de como ele concebe a Filosofia em relação à História.

Rorty, não raro, desenha a história da Filosofia sob a égide de duas imagens: a dos filósofos que desconsideram o futuro deste mundo para ficar com a busca do conhecimento de outro mundo versus os dos filósofos que foram de alguma forma sensibilizados no sentido de levar em conta o tempo e deixar de lado o conhecimento de outro mundo em favor do interesse pelo futuro deste mundo (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 89).

Nesse cenário, a Filosofia com “F” está ligada à ideia de conhecer a essência do conhecimento (questões mais epistemológicas). Em contrapartida, ele propõe a substituição pela filosofia com “f”, que deve ser encarada como um direito de se apropriar desse conhecimento, com o objetivo de solucionar os problemas práticos, culturais e conversacionais.

Essa última forma de expressão de filosofia é a que deve ser associada ao ensino, a que deve ser promovida dentro do ambiente escolar, para que possa provocar uma espécie de esperança, já que o conhecimento não é visto como um objeto acabado, mas algo que é construído.

Rorty (2007) também aponta não somente uma nova maneira de ver a filosofia, mas também traz uma reflexão sobre como a filosofia deve atuar principalmente entre os jovens. Em outras palavras, para ele a filosofia não deve buscar um mundo sonhado e ideal, mas sim mundos jamais sonhados, e melhorar o nosso mundo real e visível (GHIRALDELLI JR., 1999).

Essa postura de emancipação é extraída de sua posição neopragmática que se caracteriza pelo rompimento com Platão. Contudo, ressalta-se que esse rompimento não se deu por ele se achar no direito de desprezar a historicidade do pensamento filosófico, mas pelo fato de deixar um pouco de lado a filosofia ligada apenas à interpretação do mundo, para uma mais focada em causar transformações nele.

Para Rorty (2007, p. 17), a tentativa de fundir o público com o privado está por trás da tentativa platônica de responder à pergunta “por que é de interesse pessoal ser justo?”. O privado é atribuído a essa contemplação de mundo e o público, à resolução das questões ligadas ao ato de interpretar o mundo.

A filosofia rortyana pensa o fazer filosófico de duas formas, o estudo da origem do conhecimento atrelado à ideia de análise do mundo e a ideia vinculada à

busca desse conhecimento, mas na tentativa de entender e de interpretar os problemas do mundo.

Como herdeiro do pragmatismo americano, Rorty pensa num fazer filosófico diferente do legado da tradição europeia. Ele tenta pensar numa filosofia para um novo mundo, algo que de fato possa tornar-se prático e aplicável, algo que se aproxime da realidade, distante da contemplação vivida por Platão, que se referia às ideias de mundo em um plano distante, pois “Rorty crê que o único modo de transformar o mundo é interpretá-lo” (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 17).

Assim, a proposta deste trabalho apoia-se na visão rortyana de uso de narrativas alternativas que auxiliem no abandono de uma atitude de contemplação do mundo para a aquisição de uma ligada à interpretação do mundo. Um dos vieses da filosofia de Rorty é uma filosofia da educação voltada para o social e para a política, visando a emancipação dos jovens e um encorajamento para uma mudança ativa e consciente. (GHIRALDELLI JR., 1999).

Nesse sentido, a proposta deste estudo é apresentar uma tentativa de fazer esse interlace a partir da influência do neopragmatismo de Richard Rorty, na qual veremos mais adiante, uma espécie de sugestão para ampliar os mecanismos já contidos no ensino de Filosofia no Ensino Médio.

5 SERIADOS E A FILOSOFIA

Neste capítulo, serão apresentadas algumas possibilidades para a prática do ensino de Filosofia na sala de aula, especialmente no Ensino Médio, a partir do estabelecimento de relações entre o uso de mecanismos alternativos de ensino, como os seriados, para proporcionar uma aproximação maior com a Filosofia. Embora o uso de elementos fílmicos e televisivos nas salas de aula não constitua exatamente uma novidade, a presença de seriados como recurso didático ainda é escassa. Por isso, acreditamos que este estudo pode contribuir para demonstrar que o uso de séries televisivas tem a capacidade de sensibilizar o aluno e aproximá-lo do ensino de Filosofia.

5.1 Conceituação de Seriados

Os seriados televisivos, de acordo com o pesquisador Ben Singer (2001), podem ser compreendidos como um tipo de “melodrama das sensações”, em função da profusão de elementos intencionalmente projetados para causar uma ampla gama de determinados estímulos nos expectadores.

Para Singer (2001 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 162):

[...] no nível narrativa, os melodramas cinematográficos contavam com tramas semelhantes [ao melodrama teatral], enfatizando a vilania e o heroísmo extremos desencadeados pela inveja e/ou ganância do vilão; e com frequência se baseando em coincidências extraordinárias, revelações repentinas e inesperadas reviravoltas [..]

Além dessas características, os seriados podem ser definidos como filmes de curta duração com uma quantidade de episódios limitados, apresentados em sequência, dividido em temporadas, exibido inicialmente pelos cinemas e popularizado para televisão na década de 1960 (SINGER, 2011, p. 162).

Inicialmente, os seriados eram produzidos com pouco orçamento, pois visavam apenas o entretenimento e o retorno financeiro rápidos. Todavia, com o passar do tempo, constatou-se que os avanços tecnológicos e a demanda de um público cada vez mais diversificado contribuíram para que os seriados evoluíssem bastante, inclusive nos seus enredos, e se transformassem num importante segmento da indústria midiática.

Os seriados são popularmente conhecidos como “série”, termo empregado pelo fato de a história ser contada por episódios que se intercalam mutuamente, mantendo o público preso ao enredo e com o desejo pelo desfecho da narrativa. Entretanto, o seriado não precisa ter seu roteiro preso à sequência, já que cada episódio pode ter uma abordagem diferente, desde que siga de algum modo a cronologia da trama. Essa característica é pertinente ao nosso estudo, porque sempre existe a possibilidade de abordar temáticas inter-relacionadas entre si.

Assim, como já apresentado na parte da metodologia, a intenção deste estudo é proporcionar ao professor mediador da disciplina um material didático que colabore com a sensibilização do aluno, estimulando-o ao aprendizado filosófico. Dessa forma, quando o termo seriado é utilizado, cria-se uma espécie de liberdade para tratar várias questões em diferentes contextos, ou seja, um único seriado pode conter mais de uma problemática, pode ter como campo de fundo mais de um autor ou obra filosófica.

Em termos, o uso dos seriados no ensino de Filosofia pode proporcionar ao aluno não apenas uma sensibilização para esta, mas também trazer ao estudante o uso de gêneros narrativos que contribuam na sua própria construção enquanto indivíduo. Ou ainda, como define Rorty (2007), os seriados podem contribuir para a sua autocriação.

A intenção desse tipo de filosofia é proporcionar uma experiência que deixe livres os educandos para fazerem correlação com suas práticas cotidianas dentro do universo de informações que eles geralmente trazem para a sala de aula. Quando a filosofia se apropria da experiência trazida pelo gênero narrativo, ela estimula os alunos a uma participação na construção do pensamento contemporâneo, permitindo assim uma dinâmica mais eficaz no processo do filosofar.

Na construção do pensamento pós-moderno, a sociedade transmite a sensação de estar numa disputa entre saberes, na qual os alunos são sobrecarregados com um excesso de informações, sem o tempo devido para transformar isso em conhecimento.

Esse contexto é propício para colocar boa parte das pessoas diante do seguinte desafio: o que fazer com todas as informações que são repassadas diariamente? Não há uma resposta ou solução específica para essa questão. O problema é que muitas pessoas, especificamente na sala de aula, apenas se limitam

a repassar informações sem gerar uma compreensão ou uma análise, sem uma tentativa de transformar esse conteúdo em conhecimento, sem praticar Filosofia.

Nesse aspecto, entra em cena o casamento entre o uso dos seriados na aula de Filosofia como tentativa de minimizar esse efeito nocivo proporcionado pelo bombardeio de informações. Assim, através dos seriados, os alunos são convidados a pensar na realidade através do olhar sobre o drama.

O espaço da sala de aula de Filosofia pode se tornar, metaforicamente, a nova “Ágora” para os estudantes se for pensada como um novo ambiente de debate, de descoberta e de novas possibilidades, para um encontro com o exercício do filosofar. Assim, os seriados, como gênero narrativo associado ao ensino de Filosofia, ampliam a possibilidade dos educandos de perceber sua efetiva participação na construção e formação do próprio pensamento possibilitando uma prática efetiva do ensino dessa disciplina.

Dentro dessa perspectiva, é possível explorar diversas temáticas transversais. Principalmente, as problemáticas contidas no universo filosófico, podem ser trabalhadas a partir dos autores e obras filosóficas, considerando que os seriados servem para trazer essa experiência inicial de “Ágora” para aula de Filosofia. Segundo Rowlands (2008, p. 6), pode-se considerar que a “[...] Filosofia não morreu em nossa moderna cultura aculturada; foi apenas realocada”.

Pensar que a sala de aula pode ocupar o espaço de “Ágora” é certamente motivador para qualquer professor mediador do ensino de Filosofia, que traz a possibilidade de uma experiência mais enriquecedora nessa proposta de sensibilização frente ao ensino da referida disciplina.

Assim, os seriados televisivos apontam para o debate, para a possibilidade de conceituação, conduzindo o que a Filosofia tenta realizar: o próprio filosofar, assemelhando-se à ideia grega de tentar encontrar respostas para as mais variadas perguntas sobre as condições humanas e o mundo ao nosso redor.

Nesse contexto, a mídia pode contribuir com a experiência filosófica ao dar visibilidade ao que acontece no cotidiano e que interessa aos alunos, porque se referem aos acontecimentos novos e impactantes que envolvem a sua cidade, seu futuro e sua existência.

No universo antigo da Grécia, a praça pública era o espaço das grandes discussões. Na atualidade, isso é vivenciado parcialmente através dos meios de comunicação, principalmente a televisão que, como parte importante da indústria

mediática, apresenta diariamente diversas informações ao público em geral. Todavia, diferente do que ocorria com o cidadão grego que participava da discussão das ideias, o cidadão contemporâneo limita-se a receber as discussões e críticas previamente feitas por outros.

De encontro a esse cenário, é possível reeducar ou redescrever a atitude dos estudantes enquanto cidadãos expectadores. Se o exercício filosófico de assistir, discutir e criticar seriados em torno de temas filosóficos for uma constante nas aulas de Filosofia, esse aprendizado se estenderá para outros espaços da vida do estudante que não mais cultivará uma atitude passiva diante do jorro de informações midiáticas.

Isso é importante destacar, visto que vislumbra-se que com a utilização dos seriados dentro do universo da aula, é possível levar a praça filosófica para os educandos, que poderão defrontar-se com a própria realidade através dos enredos que refletem suas questões pessoais e suas próprias histórias de vida.

A intenção do uso dos seriados na aula de Filosofia é justamente provocar um novo lugar de encontro, devolver para aula de Filosofia a experiência de discutir livremente as questões do cotidiano, colocando as pessoas frente a sua realidade. O papel do professor mediador de Filosofia é crucial, pois ele não pode impedir ou direcionar os estudantes ao debate, priorizando apenas a exposição de sua própria perspectiva sobre o que foi visto. Há uma necessidade implícita de se promover o ambiente do livre pensar.

Essa ação crucial do professor precisa também se apresentar na mediação, na sua maneira democrática de conduzir a aula, pois nos dramas apresentados pelos seriados há uma infinidade de temas, problemas e questões a serem debatidas. Do mesmo modo, o docente precisa estar atento às diversas modalidades de participação discente. A aula não pode ficar reduzida à participação de poucos estudantes que se interessaram pela temática, todas as reações aos seriados são igualmente relevantes para a prática do exercício filosófico.

Desse modo, os seriados podem contribuir para a criação desse novo espaço democrático e do dialógico dentro da aula de Filosofia, um cenário para se discutir, dar asas ao livre pensar, para se perceber o cotidiano e, principalmente, para filosofar.

5. 2 O uso de seriados no ensino de Filosofia

A utilização de elementos que pertencem ao cotidiano do aluno pode ser a chave para proporcionar uma aproximação mais eficaz entre o educando e o ensino de Filosofia, uma vez que se a Filosofia não é constatada na prática cotidiana, o aluno a percebe de maneira desinteressada.

Ao mencionar o uso de um elemento didático, faz-se referência à utilização de mecanismos que forneçam subsídios para aproximar o aluno da aprendizagem. Em outras palavras, se não houver uma sensibilização do aluno para a aprendizagem há uma grande probabilidade de esta ficar comprometida negativamente.

Assim, este trabalho apoia-se na filosofia neopragmática de Rorty (2007), que recomenda o uso de elementos do gênero narrativa (não filosóficos) como romances literários, cinema, histórias em quadrinhos e filmes. Nesse sentido, baseia-se também na sugestão de Gallo (2012) sobre a possibilidade de usar elementos não filosóficos nas aulas de Filosofia, que podem servir como mecanismos para contribuir com a sensibilização do educando durante essa aula. Além disso, foi consultada a proposta esquematizada por Rodrigo (2009) que também recomenda o uso de recursos não filosóficos para o ensino de Filosofia.

Nesse momento, embora não seja possível fazer uma relação direta com os autores citados, salienta-se que todos defendem uma quebra de paradigma em relação à aplicação da Filosofia, em especial no seu ensino. Tudo isso se justifica porque, por muitas vezes, o ensino tem sido entediante, massacrante, centrado num repasse teórico da própria história da Filosofia, dando a impressão de que a disciplina em questão é apenas um simples domínio de conceitos inúteis e inacabados.

Se ao ensinarmos Filosofia nos limitarmos a expor figuras e momentos da história da Filosofia (a colocar na mesa as cartas do tarô filosófico, para acompanhar Savater), estaremos contribuindo para afirmar a Filosofia como peças (ou pecas) de museu, como algo que se contempla, se admira, mas se vê a distância, como algo inatingível para nós (GALLO, 2012, p. 43).

Assim, é possível criar métodos diferentes para aproximar o aluno da Filosofia, partindo de uma proposta de sensibilização e demonstrando a ação da Filosofia no seu cotidiano. A partir de então, surge a indagação: “O que os seriados

têm a ver com a Filosofia?” ou “Como podemos sensibilizar os educandos através de algo tão incomum?”.

Tais perguntas são, de fato, pertinentes e possuem respostas simples, mas intrigantes, visto que percebendo que somos sensibilizados por elementos que provocam certa atração, algo que as séries televisivas possuem, é possível então juntar os dois elementos, as séries e a Filosofia, para assim causar o efeito duplo de sensibilização e aprendizado.

Ao observar atentamente os roteiros de diversas séries, nota-se uma demanda grande de problemáticas filosóficas, o que parece estar lá de maneira proposital, esperando serem vistas no contexto subtendido dos dramas ou mesmo da narração. Nessa perspectiva, essa junção será tratada no nosso estudo, ao trazer o universo dos estudantes até a sala de aula, fazendo com que eles percebam dentro do seu cotidiano o uso da Filosofia, na tentativa de causar um atrativo tanto para a aula quanto para o desenvolvimento de uma visão crítica.

Dessa forma, retomando algo já mencionado, o estudo visa propor uma reflexão sobre o uso de seriados como estratégia de intervenção no ensino de Filosofia. Ressalta-se, porém, que apesar da questão do ensino dessa disciplina não ser concebida como umas das questões fundamentais da Filosofia, não pode ser, equivocadamente, considerada como um assunto destituído de relevância.

Isso porque a Filosofia enquanto disciplina pode ampliar a atuação dos estudantes na ação escolar, de diferentes maneiras, tais como: pode ajudar na compreensão da realidade e a repensar os valores que são ensinados, além de ensinar aspectos cruciais da evolução do pensamento humano através de sua história e do estudo das ideias de seus principais pensadores.

A ação em sala de aula ressalta a maneira com que o educando se apropria dos saberes, e dentro desse contexto, o trabalho docente tem como objetivo voltar a atenção do educando para a temática filosófica, de modo a ampliar sua sensibilização para o estudo da Filosofia, ao mesmo tempo em que melhora sua aprendizagem na sala de aula.

No âmbito dessa sensibilização, é importante refletir sobre o ensino de Filosofia em conexão com elementos não filosóficos que, não obstante, podem ser explorados com êxito na sala de aula (GALLO, 2012). Dentre tais elementos não filosóficos, pode-se citar a utilização de seriados, amplamente conhecidos ou relativamente obscuros, que possam contribuir para a aula da referida disciplina.

A justificativa para o uso de seriados no ensino de Filosofia está contida na filosofia neopragmatista de Rorty, que defende o uso de diversos gêneros de narrativa, dentre os quais os filmes e os programas televisivos, como formas de ampliação da nossa imaginação e, conseqüentemente, da nossa sensibilidade frente aos dramas humanos que, inicialmente, são considerados estranhos (RORTY, 2007).

No presente estudo, a atenção será direcionada para a presença de possibilidades temáticas do ensino de Filosofia em vários seriados de épocas diversificadas, embora a maioria seja contemporânea. A título de exemplificação, será iniciada a proposta de unidades didáticas para o ensino de Filosofia a partir de seriados, com a produção de *House H.D.* (EUA), exibido originalmente pelo canal Fox (e também por algumas emissoras brasileiras), de 16 de novembro de 2004 a 21 de maio de 2012.

Como estratégia didática, foi delimitada a conexão do seriado com o ensino de Filosofia a partir de três tópicos: a) o método de Sócrates (Episódio 6, 1ª temporada); b) o equilíbrio reflexivo de Rawls (Episódio 17, 1ª temporada); e o feminismo em Butler (Episódio 35, 2ª temporada). Essa sistemática é mantida nos demais seriados, com poucas variações no número de sugestões de unidades.

Assim, esperamos contribuir para a ampliação da dinâmica de ensino e aprendizagem potencializando as relações entre os professores e alunos a partir de uma abordagem temática mais interessante para a prática filosófica em sala de aula. Finalmente, enfatizamos que o uso do seriado deve ser concebido estritamente como um recurso para o ensino de Filosofia e, como tal, deve atuar somente como elemento conectivo entre a realidade discente e o conteúdo teórico, conceitual e metodológico da disciplina de Filosofia.

Ao pensarmos nos seriados exibidos na televisão, seja em canal aberto ou fechado, é preciso um pouco de esforço, para percebê-los como elementos que possam ser usados como estratégia de intervenção na prática filosófica, visto que o uso deste é pouco habitual. Nesse cenário, dar atenção aos instrumentos não filosóficos pode ser uma resposta eficiente dentro do ensino, pois no cotidiano da maioria dos estudantes, há uma maior acessibilidade à comunicação televisiva do que à leitura de obras filosóficas.

Contudo, é deveras importante aproximar o estudante das obras filosóficas, mostrando e estimulando o convívio com a leitura dos textos filosóficos. Acredita-se que abordar os filósofos e suas teorias, de forma criativa, é a chave para aproximar o aluno da Filosofia, de modo a sensibilizá-lo para melhor conduzir a sua própria formação e domínio conceitual.

Nesse aspecto, os seriados surgem como essas ferramentas de formato criativo, sendo uma resposta à problemática da sensibilização dos estudantes, uma vez que são ferramentas pouco convencionais, não filosóficas, presentes no universo do aluno, atrativas, de acessibilidade fácil, aquisição barata e que pede poucos recursos para sua aplicação.

Em se tratando dos seriados, é necessário considerar alguns requisitos peculiares: primeiramente, o seriado deve ser de fácil acesso para os alunos; além disso, deve ter elementos que estimulem a curiosidade dos alunos; deve possuir uma linguagem acessível; por último e mais importante, deve de fato possuir elementos filosóficos em seus conteúdos.

Esses critérios de escolha foram estabelecidos de acordo com uma espécie de didática contida em Gallo (2012), que é apresentada no contexto de uma discussão sobre uma metodologia alternativa para o ensino de Filosofia.

No que consiste ao trato com a aula de Filosofia na educação média, penso que a pedagogia do conceito poderia estar articulada em torno de quatro momentos didáticos: uma etapa de sensibilização; uma etapa de problematização; uma etapa de investigação; e finalmente uma etapa de conceituação (isto é, de criação ou recriação de conceitos) (GALLO, 2012, p. 95).

Assim, nos seriados, é possível perceber uma espécie de ponte que conduz o aluno de um ponto a outro, o sensibiliza e o ajuda a perceber a problemática, o conduz a uma investigação e por último o estimula a produzir seu próprio conceito (GALLO, 2012). Tal conceito deve produzir uma nova postura, um olhar diferenciado sobre o mundo, provocando uma emancipação, estimulando o educando a participar ativamente da sociedade e, quem sabe, transformar a aula de Filosofia numa fábrica de conceitos.

Por isso, um dos critérios de escolha, a linguagem, necessita ser deveras acessível, pois, “Rorty imagina a linguagem e os vocabulários como instrumentos” (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 50). Rorty ao imaginar o uso dos vocabulários como

instrumentos faz referência à identidade cultural contida na literatura, na qual a vê como viés capaz de auxiliar na produção de significado no mundo.

A narrativa literária na sua visão produz um processo de humanização, assim fazendo ponte com sua intenção de retirar a Filosofia de uma visão analítica desgastada, para um conceito mais humanitário. Assim, o uso das séries televisivas, percebido como gênero literário norteado por essa visão, contribui para a sensibilização dos alunos, levando o ensino de Filosofia para um conceito de interpretação do mundo que culmina em um ponto da proposta de Rorty (2007).

O aluno, ao se identificar com a linguagem presente no gênero literário, terá um encorajamento a exibir sua forma de pensar, e de fato experimentar o exercício do filosofar, e a descoberta dos novos mundos, e melhorar o mundo em que vivemos. Assim, ao apresentar as vastas experiências que a linguagem literária é capaz de realizar, a sensibilização diante do saber filosófico sofrerá uma profunda ampliação, produzindo conexões entre o saber teórico e a atuação prática da Filosofia.

Nesse sentido, pontuamos para o fato de que quando se trata de algo familiar, há uma maior visibilidade no entendimento, ou seja, ensinar com auxílio de elementos presentes no cotidiano do educando faz uma grande diferença. Como exemplo, os alunos podem não compreender Sócrates diretamente a partir das leituras de textos filosóficos, mas observar uma cena de seriados pode provocar uma assimilação mais concreta.

Assim, a ideia é propor o uso de seriados que aproximem o aluno do conteúdo filosófico, que estimulem a prática do uso da Filosofia, que façam mediação entre a teoria e a prática.

6 TEMAS FILOSÓFICOS NOS SERIADOS

6. 1 Temas filosóficos no seriado *House*: proposta de unidades didáticas

O seriado *House H.D.* (EUA, 2004-2012) foi exibido originalmente pelo canal Fox, de 16 de novembro de 2004 a 21 de maio de 2012. O seriado em questão proporciona bastante visibilidade para os conceitos filosóficos. Isso porque, dentro das suas oito temporadas pode-se encontrar uma considerável diversidade de problemáticas filosóficas contidas em sua trama, cujo eixo temático central é a perplexidade da existência humana a partir das observações do protagonista e suas relações sociais.

O fascinante é que na caracterização de conteúdos filosóficos, na própria composição do protagonista, o enigmático médico Gregory House parece sofrer uma espécie de “influência” kantiana, como se em sua atitude existisse uma “hiperética”, (BLITRIS, 2009) que o faz comportar-se acima da lei, obedecendo apenas sua própria norma e conduta, essa influência é percebida no cotidiano do seriado nos seus dilemas comportamental e profissional.

Nesse viés, segundo Kant, uma ação só possui valor quando a razão é capaz de controlar a vontade, com a finalidade de satisfazer anseios, na qual essa razão produz uma vontade boa, não apenas para outra ação, mas para uma bondade em si mesmo.

Em outros termos: se a máxima de House de salvar de qualquer maneira o paciente, sem se preocupar com as regras e protocolos, valesse todas as vezes como princípio de uma legislação universal-para usar uma fórmula kantiana - então as consequências seriam trágicas e a lei destruída a si própria (BLITRIS, 2009, p. 23).

Essa bondade em si deve ser vista como o bem moral supremo, e a ideia de bondade parece não fazer parte do cotidiano do protagonista, o que parecer ser um contrassenso com as ideias kantianas, pois Gregory House não apresenta preocupação em ser bom, preocupa-se apenas em como vai resolver os dilemas que são apresentados quando ele salva vidas.

O dilema comportamental e perceptível existe quando contemplamos, dentro dos episódios, um incomum senso ético e uma rispidez ímpar que leva a crer de fato que House parece possuir a tal hiperética, ou seja, ele não se adequa aos

contrapontos da lei moral proposta por Kant. Em outras palavras: “Trata-se de uma ética individual além da ética, de uma hiperética que não cede às tentações das leis morais e está ligada essencialmente àquela coisa e à sua excepcionalidade. Mais precisamente aquela coisa é a hiperética” (BLITRIS, 2009, p. 15-16).

No decorrer dos episódios, são reveladas muitas problemáticas abordadas pela Filosofia, ora na caracterização dos personagens, ora nos diálogos, e também nas relações sociais ou no campo de fundo da série. Através da análise de alguns episódios, será conduzida a nossa visão para identificar a presença de conceitos filosóficos no drama narrado. Segundo os critérios já mencionados, foram selecionados alguns episódios para ilustração.

6. 1. 1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino

Médio: método de Sócrates no seriado *House*

Inicialmente, faz-se menção à obra “*Apologia de Sócrates*” (2013), que apresenta o método maiêutico proposto por Sócrates, filósofo ateniense (469a.c-399 a. c), reconhecido como mártir por ser “[...]um símbolo e uma defesa da liberdade de expressão. Trata-se de uma luta do homem crítico contra a opinião da multidão. [...]”. (PLATÃO, 2013, p. 13).

O método maiêutico consiste em perguntas feitas a um interlocutor, e este é levado a reconhecer sua limitação acerca do conhecimento e conseqüentemente da sua própria ignorância em relação à verdade sobre todas as coisas. Nesse sentido, o episódio seis da primeira temporada, é intitulado “O método socrático” e tem como característica a sua aplicação no próprio episódio. *House* atende uma mãe com esquizofrenia que teve trombose, e depois de uma ligação feita do quarto da paciente, ele questiona seu diagnóstico prévio.

Nesse ponto, foi evidenciada a dificuldade inicial de House em resolver o caso, mas aí surge a questão da dialética, quando o protagonista defende a ideia de que o diagnóstico surge após conversar com o paciente. Nesse episódio, também é possível perceber o método socrático na maneira como toda equipe do doutor House se relaciona. Eles fazem questionamentos a si mesmos, aos seus colegas médicos e também indagam ou criticam as ideias e atitudes de House.

No quadro a seguir há uma possibilidade de planejamento para a aula através da articulação entre o seriado e os temas presentes no ensino de Filosofia.

Quadro 1- O método Socrático

SERIADO: <i>HOUSE</i>				
EPISÓDIO: 6º (1ª TEMPORADA) – Método Socrático				
TEMA: O método de Sócrates (Introdução à Filosofia)				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Introdução à Filosofia Atitude filosófica O método socrático;	Introduzir o aluno às noções básicas de Filosofia. Trabalhar a percepção e contribuir para os alunos reconhecerem a Filosofia no cotidiano; Perceber a dinâmica da experiência filosófica.	Problematizar a temática através da exibição do episódio - Exposição e explicação do conteúdo com ajuda dos textos sugeridos - Realização síntese/resumo conceitual sobre o conteúdo exposto.	Leitura dos textos sugeridos, e; “mundo de Sófia” (p. 71) Dramatização adaptando o julgamento socrático no contexto da escola Trabalho em grupo: Alunos fazem uma exposição sobre ações do cotidiano e a relação com a Filosofia)	I- Texto “ Platão ”. GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia. 2011. p. 71. Cap. 7. II- Trecho do texto: “ Apologia de Sócrates ”. Apologia de Sócrates. 2013. p. 31. Cap. 1. III- “ Sócrates e os Socrates Menores ” REALE, Giovanni História da Filosofia. 1990. p. 85. v. 1. Cap. 4.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

A partir desse ponto, é necessário que se chame a atenção para trazer um questionamento: como isso irá provocar a atenção dos alunos? Como esse episódio causa sensibilização? Essa inferência tem o intuito de mostrar como isso pode ser aplicado no contexto de uma sala de aula. Ao exibir o episódio em sala, ou pelos menos, trechos dele, pode-se levar os alunos a perceber que uma experiência do cotidiano está recheada de conteúdo filosófico, uma vez que o campo de fundo da série é o dia a dia de uma equipe médica.

Ao apresentar o método socrático, há uma notória dificuldade em exemplificar como a maiêutica acontece na prática. Então, ao mostrar através das séries, os alunos terão não somente um exemplo, mas também poderão fazer comparações com situações reais. Assim, apresenta-se Sócrates e seu revolucionário método maiêutico a partir do exemplo do médico fictício, *House*.

Após a exibição do episódio, o educando é levado a perceber a problemática filosófica no seriado e depois disso, pode fazer o exercício de contextualizar na sua

vivência cotidiana. Na sequência, apresenta-se a transcrição de parte de um diálogo extraído do seriado:

Wilson – Aonde vai?

House – Visitar a paciente, aquele contato humano tão importante, uma aproximação.

Wilson – Você não fala com os pacientes porque eles mentem, mas com uma paciente sem senso de realidade.

House – Se não fosse o Sócrates aquele esquizofrênico frenético, não teríamos o método dele, o melhor jeito de ensinar, tudo menos malabarismo com serra elétrica, sem isso Newton, estávamos flutuando no teto.

Wilson – Fugindo da serra elétrica?

House – Acha que me interessa por causa da esquizofrenia?

Wilson – tenho certeza.

House – O galeno tinha certeza a respeito do formigamento, Pink Floyd. (BILITRIS, 2009, p. 175).

Como se percebe, House caracteriza o método socrático como o melhor método de se ensinar. Em seguida, a cena segue com o Doutor conversando com a paciente e, como forma de exemplificação, é através das suas perguntas precisas que descobre pistas para fazer o seu diagnóstico.

À primeira vista parece simplório, mas a sensibilização começa quando o aluno percebe que pode aprender a filosofar assistindo à televisão. Assim, o estereótipo de disciplina teórica e difícil começa a deixar o seu imaginário. Como um de nossos objetivos é aproximar o educando do ensino de Filosofia, se este for impactado por um conteúdo presente em algo não filosófico, no mínimo, isso produzirá certa curiosidade nele e com certeza, reterá sua atenção.

Na sequência, expõe-se outro episódio.

6. 1. 2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio:

Equilíbrio Reflexivo de John Rawls

Inicialmente, é preciso compreender que John Rawls imaginou que uma sociedade pode se manter equilibrada e bem orientada pelo viés da justiça, em que essa ideia pode ser superior às demais teorias e com isso unir os interesses coletivos e individuais com o objetivo de se desenvolver melhor.

O equilíbrio reflexivo tem o objetivo de mostrar como os indivíduos dentro da sociedade podem viver em consenso mesmo sobre várias construções morais.

A ilustração da teoria de John Rawls, presente no episódio dezessete, também da primeira temporada, aborda o caso de um candidato à presidência que

adoece em plena campanha e *House* é obrigado por um dos diretores do hospital a ficar com o caso.

Rawls (2003) apresenta uma preocupação em fundar uma sociedade livre e justa, que distribua bens e direitos sobre regras justas. Para ele, é possível formular princípios que ajudem na construção de uma sociedade igualitária, que também prestigia ações que se destacam dentro da sociedade, ou seja, quando se possui uma qualidade que se destaca, esta deve ser valorizada e essa atitude não retira a condição de igualdade.

E dentro desses dois pontos, Rawls propõe um método de equilíbrio reflexivo, pois em sua teoria da justiça, é necessário propor um contrato social, que emancipe as ações destacáveis com um favorecimento aos mais necessitados. A teoria de Rawls (2003), para a compreensão dos alunos, pode ser exemplificada com a ajuda do referido episódio, visto que neste contém situações que levam o educando a uma demonstração de maneira prática sobre como ocorre uma teoria filosófica na sociedade.

De maneira clara, serão acrescentadas informações sobre o episódio, a partir da sequência que mostra que um dos diretores do Hospital Princeton, onde o doutor House trabalha, tem uma suposta rivalidade com ele desde os tempos da escola. Como o referido personagem exerce uma função hierárquica de poder no hospital, acaba impondo suas condições à *House*. Isso pode ser visto na transcrição da cena, a seguir:

Diretor Vogler – O Senador está com Náusea, dor de cabeça e confusão mental.

House – Sushi estragado é difícil de diagnosticar.

Diretor Vogler – Está sendo infantil, bom, se o caso é tão simples quanto pensa vai levar três minutos para diagnosticar.

House – Três minutos que eu podia passar no banheiro com uma leitura divertida.

Diretor Vogler – Está bravo comigo?

House – Não! Nunca gostei da Cameron e Foreman.

Diretor Vogler - Sabe por que estou forçando você a demitir um dos dois? Por que você precisa de quem trabalha em equipe, e se assim fosse não precisava passar esse exercício.

House – Vou ficar com o Senador enquanto ele vomita.

Diretor Vogler – A propósito preciso que dê uma palestra, na conferência nacional de cardiologia, na semana que vem.

House – Não dou palestra, sou tímido.

Diretor – O laboratório Eastbronk desenvolveu um novo inibidor de Ace, e queria ressaltar as virtudes dessa revolução.

House – Laboratório? Espere, a empresa é sua, não minha, vilopril é uma revolução e teve uma melhoria significativa de preço.

Diretor – Ou você dá a palestra de 10mim, e o diagnóstico de 3 mim, ou pode demitir uma de suas mascotes, você acredita na racionalidade acima de tudo (BLITRIS, 2009, p. 175).

Trata-se de um diálogo entre o diretor do hospital e o doutor House em que este foi colocado numa situação difícil: ele é pressionado a atender um político com o qual não concorda e a fazer marketing, outra situação desagradável. Tudo isso porque ele e o diretor não têm um relacionamento muito amistoso e, se não concordar, será obrigado a demitir um membro de sua equipe, que foi selecionado pelo seu criterioso método racional.

Essa imposição leva House a colocar em questionamento seus princípios políticos e morais, tudo em decorrência de sua permanência no emprego. Assim, o episódio segue provocando uma reflexão sobre a conduta humana a respeito das condições de privilégio em relação às demais pessoas da sociedade. Em outras palavras, o episódio detalha como o candidato à presidência utiliza sua situação de privilégios em relação aos funcionários e pacientes do hospital.

Nesse contexto, a problematização está em torno da aplicabilidade ou não da teoria da justiça, proposta por Rawls. Talvez esses assuntos levem um pouco mais de tempo com os alunos, mas como é um ponto já trabalhado neste estudo, os educandos precisam ser conduzidos a produzirem seus próprios conceitos.

No episódio em questão, o doutor House é levado a rever suas convicções e princípios porque sabe que seus colegas de trabalho podem vir a ser demitidos por motivo injusto, pois claramente o diretor quer fazer isso. Nesse ponto, os estudantes são levados a pensarem sobre como funciona o equilíbrio reflexivo, que é o modo como a sociedade vive em consenso dentro das várias construções morais que norteiam o cotidiano das pessoas.

Em outras palavras, isso na prática significa confrontar os julgamentos morais das pessoas no dia a dia. Assim, ao analisar o perfil do personagem, o estudante é levado a questionar como o protagonista defende suas convicções, seus princípios, e se de fato, a teoria de John Rawls tem alguma aplicabilidade.

No próximo quadro, está exposta mais uma possibilidade de planejamento de aula, que contempla a relação entre o seriado e alguns temas presentes no ensino de Filosofia.

Quadro 2 - Equilíbrio reflexivo de John Rawls no seriado *House*.

SERIADO: HOUSE				
EPISÓDIO: 17º (1ª temporada)- “O exemplo”				
TEMA: Equilíbrio reflexivo de John Rawls (Filosofia Política)				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS ATUAIS
Introdução ao conceito de filosofia política.	Que o aluno crie uma consciência reflexiva sobre os diversos conceitos políticos.	Exibição do episódio e contextualização do conteúdo.	Simulação de um pleito eleitoral (candidatos apresentam propostas baseadas nas ideias de John Rawls).	I-Texto “ A ideia principal da teoria da justiça. ” RAWLS, John. Uma Teoria Da justiça. 2000. p. 12 a 19. Cap. 1.
Introdução às ideias de John Rawls.	Compreender a teoria sobre o Equilíbrio reflexivo e as ideias de John Rawls.	Exposição da aula com as leituras dos textos relacionados a John Rawls.	Debate sobre se a viabilização das teorias na prática, apoiado pelas leituras dos textos sugeridos.	II- Texto “ A moral ” WEIL. Eric. Filosofia Política. 1990. p. 33. Cap. 1. (Coletânea filosófica)
Introdução à teoria do equilíbrio reflexivo de John Rawls.	-Faça um paralelo com os conceitos políticos e a política na atualidade.	Usar a produção de vídeo como dispositivo avaliativo.	Produção de um vídeo: Qual seu ideal político? E depois expor as produções dos alunos via internet.	III-Texto “ A ideia de uma sociedade bem ordena ”. Rawls, John. Justiça com Equidade. 2003. p. 11 a 13. Cap. 1.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

Nesse viés, segue-se então com House para demonstrar a visibilidade de temas filosóficos contidos em torno da série. Convém lembrar que a sua alta aceitação por parte do público e seu fácil acesso para os alunos contribui para tornar o seriado um instrumento favorável na aula de Filosofia.

Na seção seguinte, é apresentado outro episódio do mesmo seriado.

6. 1. 3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A teoria da Performatividade de Judith Butler

O episódio causa uma reflexão sobre os papéis que as pessoas executam dentro do espaço social, se observamos nossos comportamentos, se estes são conduzidos pela nossa própria natureza ou se esta é orientada por padrões normativos.

Outras questões abordadas por essa série são: o que é o sujeito feminino? O que nos define enquanto gênero? Qual é a real diferença entre homens e mulheres?

Executamos uma performance ou apenas estamos confusos sobre o que realmente somos? Por que atividades diferentes das corriqueiras nos assustam? Feminismo e questões de gênero serão debatidas dentro da ótica da teoria da performatividade, levantada pela filósofa Judith Butler.

Seguindo a cronologia da série, desperta a atenção o episódio décimo terceiro, da segunda temporada, no qual encontram-se as questões relacionadas ao gênero, ao feminismo e à teoria da performatividade, de Judith Butler. Tudo se passa quando uma supermodelo tem um desmaio num desfile depois de um surto de raiva, o que leva House ir a fundo, no sentido de desvendar os mistérios em torno de sua aparência, que é considerada atraente.

A teoria de Butler provoca uma reflexão que contesta os caminhos correntes do feminismo, buscando uma reinterpretação do gênero discutindo a distinção binária do sexo através do conceito de performatividade, que em síntese é propor uma subversão a uma “ordem compulsória” que segundo ela, nossa sociedade está diante, a qual condiciona uma coerência entre o sexo, o gênero, o desejo e sua prática que são heterossexuais.

Em outras palavras, trata-se de uma espécie de obrigatoriedade que conduz à condição da heterossexualidade. Conforme Butler (2010, p. 25), “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. Assim, a proposta de Butler aponta para uma condição social e política que traz à tona uma condição privilegiada do gênero heterossexual em detrimento do feminismo e essa questão abre espaço para se discutir os outros gêneros.

O episódio em si chama atenção porque a trama se passa em torno de uma profissional de moda viciada, que descobre uma situação peculiar sobre seu corpo, ou seja, a personagem se descobre homem, depois de uma vida como mulher. E isso provoca reflexões sobre o espaço político e social que o gênero feminino tem como profissional da moda, o que pode ser alcançado em decorrência da aparência física. Além disso, o campo de fundo do episódio expõe também situações vividas nesse universo e como o papel do sujeito feminino, até então, é visto de forma estereotipada.

Doutora – Tem que contar a verdade.

Paciente– Nada aconteceu.

Doutora – Não precisa ter medo deles, eles podem protegê-las.

Paciente – Do quê? Está tudo bem.

Doutora –Você acha que está, mas não está.

Paciente – Ele é meu pai.
 Doutora – E estão abusando de você.
 Paciente – Ele não é má pessoa, eu o seduzi.
 Doutora – Você é uma criança, ele o adulto, a responsabilidade é dele.
 Paciente – Eu o embebedei, tive que o embebedar, eu quis transar com ele.
 Doutora Cameron – Você sente atração pelo seu pai?
 Paciente – Se eu transasse com ele, poderia fazer o que quisesse, também transei com seu meu fotógrafo, meu contador, meu professor, se não tivesse transado só teria nota baixa, e estaria posando para anúncios em Detroit, todas nós fazemos isso.
 Doutora Cameron – Fazemos não, transou com ele e ficou traumatizada.
 Paciente – Meu pai foi o último, você nunca seduziu seu chefe, seu professor, ou alguém que precisasse?
 Doutora Cameron – Você tem 15 anos, é inteligente não precisa.
 Paciente – Não sou inteligente, sou bonita (BILITRIS, 2009, p. 177).

Nesse diálogo, são expostas questões ligadas ao feminismo, em que a supermodelo (a paciente) se utiliza de sua beleza para conquistar seus objetivos. De outro ponto, encontra-se uma mulher madura (a médica) que alcançou seus objetivos através de trabalho duro.

A problematização com os educandos ocorreria sobre as formas contemporâneas do feminismo, como a reflexão filosófica trouxe a visão político-democrática, sendo possível ainda discutir sobre o que define os gêneros heterossexual e homossexual, dentre outros. Os temas filosóficos na série *House* são vastos e atraentes.

Nessa perspectiva, os temas listados neste estudo são de caráter exemplificativo, os quais apontam para um uso de material não filosófico como método didático para ser aplicado na aula de Filosofia. Desse modo, enfatiza-se a acessibilidade e a atratividade como alguns dos critérios utilizados para escolha tanto do seriado como dos episódios. E, também, por fazer parte do cotidiano dos estudantes, estes podem unir o entretenimento aos estudos, além de servir como ponto de apoio para o uso de elementos não filosóficos na aula de Filosofia.

No quadro 3 está exposta a referida articulação entre o seriado e o tema presente no ensino de Filosofia

Quadro 3 - A teoria da performatividade de Judith Butler no seriado House

SERIADO: HOUSE				
EPISÓDIO: 13º(2ª TEMPORADA) – “Superficial”				
TEMA: A teoria da performatividade de Judith Butler (Filosofia e questões de gênero)				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Corporeidade e Feminismo Teoria da Performatividade e de Judith Butler	Discutir sobre a atuação feminina dentro do universo da indústria da moda; Entender a discussão social em torno do feminismo através das ideias de Judith Butler; Analisar como acontece a problematização do feminismo no contexto brasileiro.	Exibição da Problemática com o auxílio do seriado; Expor o conteúdo com auxílio dos textos sugeridos; Exposição das entrevistas realizadas pelos alunos em forma de simpósio.	Produções textuais com o tema: corporeidade e feminismo; Entrevistar pessoas que trabalham com a moda; Palestras com participação de profissionais que atuam na indústria da moda.	I - Texto “ Mulheres como sujeito Feminino ” BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão a identidade. 2005. p 17. Cap.1. II - Texto “ Prostitutas e Hetairas ” BEAUVOIR, Simone de. O segundo Sexo, Fatos e mitos. 1974. p. 47. Cap. 2. III - Texto “ O feminismo na redemocratização ” PINTO, Celi Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. 2003. p. 67. Cap. 3.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

Na sequência, será apresentada a proposta de unidades didáticas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Dessa vez, serão abordadas temáticas filosóficas contidas em outra série bem conhecida, denominada *Game of Thrones*.

6. 2 Temas Filosóficos no seriado *Game of Thrones*: proposta de unidade didática

Na sequência da proposta de demonstrar como é possível utilizar os seriados para aproximar os alunos das mais variadas problemáticas filosóficas, considerando que a experiência do filosofar pode ser construída a partir de elementos filosóficos que se encontram diluídos entre os seus episódios, foi escolhido um seriado épico de aventura.

Nesse sentido, expõe-se a seguir o quadro demonstrativo do próximo seriado abordado: “Game of Thrones”, que possui um campo de fundo concentrado nas formas de governo e nos meios pelos quais o poder pode ser conquistado, mantido e usado no âmbito das relações políticas, nas quais a trama se desenvolve.

O seriado é baseado na série de livros denominada “Crônicas de Gelo e Fogo”, de George R. R. Martin. A trama se passa em um continente fictício governado por famílias nobres que formam os sete reinos e são regidos pelo trono de ferro.

Nesse mundo imaginário, permeado por tramas e experiências de monarquias beligerantes, nos deparamos com a questão acerca de como as relações de poder permeiam as formas de governo. E, também, que tipos de ações são necessárias politicamente para a manutenção do poder.

No âmbito dessa discussão, podemos iniciar os estudantes no campo da filosofia política, apresentando textos contendo as ideias de autores filosóficos como Maquiavel e Foucault, como mostra a exemplificação de aula contida nos quadros didáticos.

Além desse enredo principal, outros tópicos interessantes para a discussão filosófica em sala de aula também podem ser encontrados, visto que a vasta gama de personagens com personalidades características e objetivos distintos oferece um material rico para articulação com outros temas centrais da Filosofia ou mesmo da história da Filosofia.

A seguir, serão destacados, em alguns quadros demonstrativos, como tais temas e problemáticas oriundos do referido seriado podem ser apresentados aos alunos de maneira inusitada, isto é, com articulações filosóficas que não são referidas explicitamente nos episódios.

6. 2. 1 Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: trabalhando os valores e as escolhas

O primeiro episódio da série tem um enredo que inicia de maneira intrigante num contexto inesperado: a necessidade de escolher um novo conselheiro para o rei. O problema é que este não tem muitas opções e, por isso, atravessa todo o país para reencontrar um amigo em quem confia para nomeá-lo como seu principal auxiliar.

A partir desse contexto, surge a primeira problemática filosófica, referente aos nossos valores e escolhas. Pode-se indagar junto aos alunos quais são os critérios que temos ou que podemos utilizar para se fazer a escolha certa. E se podemos ter certeza se nossas ações são corretas. Enfim, é um convite para o debate livre e aberto acerca dos nossos processos decisórios e os seus resultados práticos.

Esse episódio conduz as pessoas a pensarem sobre os atos e as consequências que resultam de suas escolhas. Algumas perguntas simples podem auxiliar os estudantes a começarem a pensar criticamente, como por exemplo: o que é necessário para tomar decisões corretas? Quais são os critérios que podem ser utilizados? Somos ou não somos livres para fazer o que queremos?

Tais questões estão contidas na própria condição dos valores que norteiam a condição humana. E para ajudar com a reflexão em torno dessa problemática, podemos pensar a partir do filósofo grego Platão, que traz uma visão da justiça como modelo perfeito.

Esse pensamento platônico está contido na obra “*A República*”, em que é apresentada a ideia de uma cidade justa, um lugar onde as pessoas encontrariam a felicidade vivendo segundo sua própria natureza, aptas a fazer suas próprias escolhas, em harmonia com os demais membros dessa sociedade utópica.

Nesta proposta, a intenção é demonstrar, através de um diálogo contido no primeiro episódio da temporada inicial, como as pessoas usam cotidianamente seus critérios para fazer escolhas pessoais. O intuito é fazer os discentes pensarem filosoficamente sobre os seus próprios motivos, razões, ações e como isso afeta as pessoas com as quais convivem.

Vejamos o diálogo:

"Ned" Stark: – Sou um homem do Norte, meu lugar é aqui não no Sul, não naquele ninho de ratos que chamam de capital.

Catelyn Stark: – Não deixarei que o levem.

"Ned" Stark: – O rei leva o que quiser, por isso é rei.

Catelyn Stark: – Eu vou dizer ouça seu gordo; não levará seu amigo a lugar algum, ele me pertence agora.

"Ned" Stark: – Como ele ficou tão gordo.

Catelyn Stark: – Ele só para de comer quando é hora de beber.

Guarda: – É o mestre Luwin, senhor.

"Ned" Stark: – Mandé entrar.

Maester Luwin – Perdão, meu senhor, senhora, um cavaleiro da noite da sua irmã.

Catelyn Stark: – Fique. Veio do ninho da águia; o que ela faz no ninho? Não voltava lá desde seu casamento.

"Ned" Stark: – Quais as notícias?

Catelyn Stark: – Ela fugiu da capital, disse que Jonh Arrys foi assassinado pelos Lannisters, falou que o rei corre perigo.

"Ned" Stark: – Ela acaba de ficar viúva "Cat", ela não sabe o que diz.

Catelyn Stark: – A cabeça de Laysa estaria numa estaca se as pessoas erradas encontrassem essa carta, você acha que ela arriscaria a vida dela e do filho se não tivesse certa de ser isso mesmo?

Maester Luwin: – Se a notícia é verdadeira e os Lannister conspiram contra o trono, quem além de você pode proteger o rei?

Catelyn Stark: – Assassinaram a última Mão e quer que Ned assumo o trabalho.

Maester Luwin: – O rei viajou um mês para pedir ajuda ao Lorde, o único em que ele confia. Fez um juramento ao rei, senhor.

Catelyn Stark: – Ele passou metade da sua vida lutando por Robert, ele não lhe deve nada. Seu pai e seu irmão viajaram ao sul uma vez a pedido do rei.

Maester Luwin: – Era uma outra época e um outro rei. (GAME OF THRONES, 2011, Temp. 1/ Ep. 1).

A problemática dessa aula deve levar os alunos a pensar, principalmente, nos motivos que norteiam suas ações; a refletir se, de fato, compreendem as razões que orientam suas decisões ou se meramente agem em função de seus desejos ou, ainda, se executam ordens sem entenderem direito o que está acontecendo em suas vidas.

Seguindo essa ótica, posteriormente perceberemos que o personagem "Ned Stark" decidirá assumir o cargo de conselheiro do rei. Essa decisão, além de expor sua família a diversos ataques e riscos de morte, também ilustra o dilema moral do guerreiro: dividido entre servir seu juramento como amigo e súdito do rei ou ir contra os valores em que acredita.

Essa tensão é essencial para iniciar os alunos no campo temático das escolhas e valores mediante a reflexão filosófica. Trata-se de um convite para pensarem sobre suas escolhas e valores, os "prós" e "contras" de suas atitudes, visto que as motivações que levam uma pessoa a tomar uma decisão pode mudar os rumos do seu futuro.

A intenção é criar um clima que contextualize para os estudantes, como ocorre o choque entre valores e como as escolhas são feitas para, posteriormente, de uma maneira mais objetiva, entrar em contato com os textos filosóficos, levá-los não apenas a perceber a questão como uma problemática filosófica, mas também a repensar suas atitudes com embasamento filosófico.

Na obra "*A República*", Platão apresenta algumas de suas principais teorias, dentre as quais, a proposição de uma cidade ideal na qual a justiça e a moral predominam, as pessoas não cometeriam trapaças e tudo seria favorável para todas as pessoas nela existente.

O referido filósofo, nessa obra, idealiza uma cidade onde as relações entre o povo e o estado não são divergentes, uma vez que a sociedade é regida com base em valores justos e igualitários, uma espécie de utopia se comparada com as relações existentes na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, o personagem “Ned Stark”, de “Game of Thrones”, em alguns momentos, pode ser usado como um contraponto, uma perspectiva de divergência em relação às relações sociais e de poder contidas nas sociedades fictícias do seriado. Em alguns episódios, a tensão que permeia as decisões é tanta que temos a impressão de que as ideias de Platão acerca dos reis filósofos estão diante de uma complexa trama política descrita por Maquiavel.

No diálogo descrito, é possível levar os alunos a refletir sobre suas escolhas, além de propor um debate que sirva para pontuar as principais características das propostas filosóficas de Platão, de Maquiavel e de Foucault, considerando suas respectivas contribuições para o campo da Filosofia Política.

Assim, após a exposição de trechos do episódio pertinente ao tema, da participação dos alunos e seu posterior contato com as obras dos referidos filósofos, caberia ao professor sistematizar um quadro comparativo a partir das contribuições coletivas dos alunos.

No quadro a seguir, está a exposição das possibilidades de planejamento para a aula através da articulação entre o seriado e os temas presentes no ensino de Filosofia, no seriado “Games of Thrones”.

Quadro 4 - Entendendo sobre as escolhas e seus valores segundo Platão

Seriados: Games of Thrones				
Episódio: 1º(1ªTemporada) - “O inverno está chegando”				
Tema: Os valores e as escolhas				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Introdução Platão e Valores e escolhas; Teoria da Universalidade dos valores de Platão; Historicidades dos valores.	Levar o aluno à compreensão da dimensão dos valores e como influenciam em nossas escolhas; Compreender como são estabelecidos os valores na sociedade à luz das ideias de Platão; Como os valores mudam de cultura para cultura.	Introdução ao conteúdo com o auxílio de diálogos contidos dentro do episódio; Expor uma linha cronológica sobre a historicidade dos valores com auxílio de slides; Utilizar o celular como recurso didático para criar os vídeos; Duas aulas para expor conteúdo e as outras para atividades.	Dividir os alunos em grupos. 1º grupo; criar uma paródia sobre como os valores influenciam a música; 2º grupo; trazer pratos que representam os valores e as culturas de diferentes lugares; 3º grupo; expor uma cronologia sobre como os valores se modificaram na sua cidade (expor fotos); 4º grupo; criar um vídeo sobre o tema valores e escolhas.	I texto “ Crítion Sócrates e as leis de Atenas ”. PLATÃO, Apologia de Sócrates. 2013. p. 31 Cap. 2. II - texto “ Epíteto e a onipotência da vontade ”. ARENT, Hannah. A vida do Espírito; o pensar, o querer e o julgar. 2000. p. 240 Cap. 2.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

6. 2. 2 Proposta de unidade didática para aula de Filosofia no Ensino Médio: introdução à filosofia de Maquiavel

Em cada quadro temático a intenção é demonstrar como se pode viabilizar os diferentes problemas do universo filosófico no contexto dos seriados. Nesses termos, o idealista “Ned Stark” foi utilizado como referência por ter que tomar decisões dentro de uma atmosfera hostil de disputa pelo poder, ao precisar aceitar um cargo e ajudar um amigo, o rei, sob a égide do cumprimento do dever, mas as circunstâncias e a função que vai assumir exigem que ele compactue com ações que ferem suas convicções. No próximo quadro, serão evidenciadas as possíveis articulações filosóficas contidas no seriado.

O episódio escolhido para a esta abordagem enfatiza a presença de algumas ideias e temas expressos na obra “*O Príncipe*”, de Maquiavel (1469 -1547), filósofo e teórico político. Nessa obra, ele expõe, de maneira geral, o desejo que o homem tem de dominar seus semelhantes e como isso pode acarretar um estado de corruptibilidade no meio social. Segundo ele, o homem é capaz de muitos atos para se manter no poder, inclusive, a corrupção e o uso da violência. Isso é exposto sob a forma de conselhos direcionados para a realização de determinados objetivos (MAQUIAVEL, 2002).

Uma das dificuldades mais comuns vivenciadas pelos alunos no ensino de Filosofia é a aceitação prévia de visões pejorativas, imprecisas ou contraditórias que dominam um vasto nível de conhecimento. É comum os estudantes apresentarem visões sobre filósofos ou teorias filosóficas baseadas no senso comum, sem ter consultado as próprias teorias ou sem compreender citações isoladas.

Por isso, é necessário que o estudante tenha conhecimento da visão geral das obras e das teorias dos autores e os assuntos tratados porque, muitas vezes, antes de ensinar Filosofia, será preciso identificar e combater certos equívocos difundidos sobre a referida disciplina. O pensar abordado neste estudo é o pensar autônomo, não a mera repetição das ideias dos filósofos ou das palavras do professor. Tais contribuições devem servir como ponto de partida para o exercício da experiência filosófica.

A intenção de sensibilizar o aluno com a experiência de diversos enredos filosóficos fictícios, representados nos seriados, é também contribuir para que aguçe o seu entendimento e passe a questionar filosoficamente sobre o problema levantado.

No episódio abordado seguir, de “*Game of Thrones*”, encontra-se a instigação de dois personagens, até então considerados pacatos, em articulação para sua subida ao trono. Na cena transcrita, um dos irmãos do rei é encorajado pelo seu amante a pensar sobre sua ascensão ao trono. A cena segue com o planejamento dessa conquista, através de uma aliança entre duas famílias nobres, em que uma é mais abastada e a outra está na linha de sucessão.

Segue a cena:

Loras Tyrell: – E como ficou o acordo? A garota Targaryen vai morrer?

Renly Baratheon – Precisa ser feito por mais que não seja prazeroso, Robert não se importa com isso, toda vez que ele fala sobre isso juro que a mesa sobe uns 15 centímetros.

Loras Tyrell: – Que pena ele não se interessar assim por sua esposa.
 Renly Baratheon: – Mas ele tem um grande interesse pelo dinheiro dela, tem que parabenizar os Lannister, podem ser os mais pomposos e esnobes que os deuses colocaram no mundo, mas têm uma grande quantia em dinheiro.
 Loras Tyrell: – Eu tenho uma grande quantia em dinheiro.
 Renly Baratheon: – Não tanto quanto os Lannisters.
 Loras Tyrell: – Mas é bem mais que você.
 Renly Baratheon: Robert está dizendo que me levará na próxima caçada. Da última vez ficamos fora por duas semanas vagando entre as árvores na chuva, dia após dia, só para ele enfiar sua lança na carne de algo. Mas Robert adora a matança e é o rei.
 Loras Tyrell: – Como isso aconteceu?
 Renly Baratheon: – Robert adora matar e costumava ser bom nisso.
 Loras Tyrell: – Sabe que deveria ser o rei.
 Renly Baratheon: – Fala sério.
 Loras Tyrell: – Está falando, meu pai poderia ser seu financiador, nunca lutei em uma guerra, mas lutaria por você.
 Renly Baratheon: – Sou o quarto na sucessão.
 Loras Tyrell: – Onde estava Robert na linha de sucessão real? Joffrey é um monstro, Tommy tem 8 anos.
 Renly Baratheon: - Stannis.
 Loras Tyrell: – Stannis tem a personalidade de uma lagosta.
 Renly Baratheon: - Ele ainda é meu irmão mais velho.
 Renly Baratheon: -O que está fazendo?
 Loras Tyrell: – Veja.
 Renly Baratheon: - Você me cortou.
 Loras Tyrell: – É apenas sangue, todos temos e às vezes um pouco se derrama. Se for se tornar rei verá um muito disso; precisa se acostumar. Vá em frente, olhe o povo que ama, amam servi-lo porque é bom com eles; querem estar perto de você e está disposto a fazer o que for preciso. Mas você não tripudia, você não gosta de matança. Onde está escrito que o poder é o único domínio sobre o mal, os tronos são feitos para o ódio e para o terror? (GAME OF THRONES, 2011).

Na cena, os supostos amantes conversam sobre os planos do rei para matar uma possível sucessora ao trono. Um dos personagens, Renly, é irmão do rei e não concorda muito com esses planos de matança, mas é convencido por seu amante a pensar nessa possibilidade de um dia governar o reino.

Na cena, a atenção se volta para a forma como “Loras” convence o irmão do rei a lutar pelo trono, convencendo-o a derramar sangue porque, segundo ele, isto às vezes, é necessário. Em seguida, propõe usar os recursos financeiros de seu pai para apoiar sua subida ao trono.

Assim, cabe a indagação: qual relação filosófica é estabelecida nesse diálogo? Nesse ponto, ecoa nas entrelinhas as palavras do filósofo italiano:

O desejo de conquista é algo muito natural e comum; aqueles que obtêm êxito na conquista são sempre louvados, e jamais censurados; os que não têm condições de conquistar, mas querem fazê-lo a qualquer custo, cometem um erro que merece ser recriminado (MAQUIAVEL, 2002, p. 26).

Maquiavel (2002), de forma ousada, desmascara a relação daqueles que exercem o poder sob seus subordinados. Na sua obra, suas ideias são relatadas em forma de conselhos para aqueles que exercem funções de liderança, como os governantes e príncipes da época, mas sua leitura continua bem atual para denunciar a forma como a política é exercida nos dias atuais.

Ao estabelecer uma relação com a política, na atualidade, também é adequado ofertar aos estudantes uma comparação das ideias políticas de outros filósofos, como Hannah Arent e Michel Foucault, de modo a criar um comparativo e um clima de discussão e debate dentro da sala de aula e conduzir os estudantes a perceber se, de fato, a política é exercida separadamente do campo da ética ou se é possível conciliar as duas esferas em benefício da sociedade.

No próximo quadro, há uma sugestão quanto uso de alguns dos textos dos filósofos citados para debater com os alunos em sala de aula e confrontar com as ideias de Maquiavel, pois de certo modo, suas palavras ainda são pertinentes para explicar questões que não são muito compreensíveis para os estudantes e também contribuem para impulsionar um exercício do pensamento crítico que perpasse a sua vida e a de todos, dentro e fora da escola.

Contudo, o seriado “Game of thrones” não se restringe apenas às questões políticas, visto que também há a possibilidade de trabalhar outras questões, outros temas que permeiam o itinerário da experiência humana.

No quadro a seguir, há outra temática que pode ser abordada nesse seriado e, na sequência, será apresentada a proposta de unidades didáticas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, seguindo a dinâmica de indicar sugestões de planejamento para a aula de Filosofia.

Quadro 5 - Introdução à Filosofia Política em Maquiavel

Seriados: Games of Thrones				
Episódio: 6º (1ª temporada) - lord Snow				
Tema: Introdução à Filosofia Política em Maquiavel.				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Introdução ao pensamento de Maquiavel; Organização do Estado e suas formas de governo; Relações de poder na construção do Estado político.	Compreender as ações do estado no exercício do governo; Discutir as relações de poder entre o povo e o estado; Entender como acontece a participação da sociedade no exercício do poder.	Exibição do episódio. - Problematizar a temática a partir do seriado; - Exposição e explicação do conteúdo; - Realização síntese/resumo conceitual sobre o conteúdo exposto.	Motivar os alunos à formação de um grêmio estudantil; Aula-passeio com visita às estruturas de poder da sua cidade. Ex: câmara de vereadores, Prefeitura; Construção de um jornal escolar construído a partir do cotidiano da escola.	I - Texto “ Da crueldade e da piedade; é melhor ser amado que temido, ou antes, temido do que amado ” MAQUIAVEL. O Príncipe. 2002. p. 75. Cap. 15. II - Texto “ O que é Política? ” ARENT, Hannah -. O que é política? 2002. p. 21. Cap.1. III - Texto “ A genealogia do poder ” FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 1984. p. 167. Cap.3.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

6. 2. 3 Proposta de unidade didática para aula de Filosofia no Ensino Médio: corpo e erotismo

Em um dos trechos do terceiro episódio, na segunda temporada, a trama começa com a participação do irmão do rei em uma guerra civil. Entretanto, o foco da aula é quebrar um pouco a leitura política que foi feita até então, para trazer aos alunos um outro tema: o erotismo e a sexualidade.

Como é típico da linha de fundo do seriado tratar das relações políticas, o diálogo envolve um dos irmãos do rei e seus interesses pelo trono, mas este esconde um segredo complicado dos súditos, a saber, sua identidade sexual diferente. Nesse sentido, o que se propõe é uma discussão sobre a questão que envolve a sexualidade humana, suas formas, como a sociedade entende essa questão e como realiza os diálogos entre seus inúmeros membros.

No diálogo a seguir, é possível observar os conflitos que envolvem a sexualidade humana, visto que o irmão do rei, demonstra dificuldade em assumir uma outra identidade sexual e segue discutindo as consequências disso para a posição que ocupa. Além disso, questiona o que pode acontecer ou não com ele; se suas pretensões são permitidas ou corretas, enfim, reflete sobre tudo aquilo que o perturba por considerar duvidoso.

A seguir, expõe-se o diálogo entre o nobre e sua jovem esposa:

Renly Baratheon: – Preciso avisar que bebi muito vinho.

Margaery Tyrel – É seu direito meu rei.

Renly Baratheon: – Você é muito bonita.

Margaery Tyrel: – Obrigada, majestade.

Renly Baratheon: – É uma camisola linda.

Margaery Tyrel: – Acha mesmo?

Margaery Tyrel: – Não sei o que gosta mais, desse jeito ou desse.

Renly Baratheon: – Certamente não precisa dela apesar de dizerem que é a beleza mais desejada, é a beleza oculta.

Margaery Tyrel: – Deixe ajudá-lo.

Renly Baratheon: – Deve ser o vinho.

Renly Baratheon: – Desculpe.

Margaery Tyrel: – Quer que meu irmão venha ajudar.

Renly Baratheon: - O quê?

Margaery Tyrel: – Ele pode fazê-lo funcionar, sei que ele não se importa, ou posso me virar de costas e fingir que sou ele.

Renly Baratheon: – Não sei o que está falando.

Margaery Tyrel: – Não precisamos nos enganar, guarde suas mentiras para a corte, porque vai precisar de muitas, seus inimigos não estão felizes conosco, eles querem nos separar e a melhor forma de detê-los é colocar seu filho no meu ventre. Podemos tentar de novo mais tarde, você decide como vai querer, comigo e com Loras, ou de outra forma, como precisar, você é o rei. (GAME OF THRONES, 2012).

Trata-se de um diálogo que leva o interlocutor a pensar sobre sua condição humana, seus desejos, sua identidade e a preocupação com a forma como a sociedade lida com essa questão complexa que é a sexualidade. De fato, é um tema propício para ser trabalhado dentro do contexto do seriado, uma vez que expõe situações em que os personagens têm que lidar com problemas acarretados por sua forma de abordar a própria sexualidade.

Além disso, há momentos mais discretos, em que o tema da sexualidade não é visto ou discutido, mas apresenta os personagens em situações em que nitidamente é possível perceber relações dúbias. Tais relacionamentos, não podem ser explicados pelo amor ou ódio, mas pelo erotismo. Como esse tipo de

sensualidade é diferente daquela que conduz ao sexo, é importante fazer distinções sobre os diversos tipos de entendimento a respeito disso.

Nesse sentido, podem ser úteis as ideias de Platão (1991), que tratam sobre a origem do amor e seu papel nas relações humanas; bem como as reflexões de Foucault (1984) sobre como a sexualidade é reprimida pelos poderes reguladores da sociedade, como por exemplo, famílias, escolas e religiões.

Quadro 6 - Sexualidade e Erotismos

Seriados: Games OF Thrones				
Episódio: 3º (2ª Temporada) - Quem está morto não pode morrer				
Tema: corpo e erotismo (a natureza sexual da conduta humana)				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Introdução ao pensamento de Michel Foucault; Corpo e erotismo; A natureza sexual da conduta humana.	Discutir sobre os aspectos do comportamento humano na expressão da sexualidade; Levar o aluno a uma discussão sobre as orientações sexuais diferentes dentro da natureza humana. Analisar a visão de Foucault em relação à sexualidade humana.	Exibição de um trecho do episódio (Diálogo entre o personagem Renly e Margarety); - Exposição do conteúdo com auxílio do quadro e textos sugeridos; - Realização síntese/resumo conceitual sobre o conteúdo exposto.	Pedir os alunos para realizarem uma pesquisa sobre as contribuições do filósofo Michel Foucault na formação do pensamento sobre o tema da sexualidade humana. Ou Construir com os alunos a experiência de um Café filosófico como tema sexualidade e Religião, com a participação dos professores de outras disciplinas.	I - Texto; “O banquete” Platão. Diálogos 1991. p. 163. Cap.1. II - texto “O objeto do prazer” Erótica Foucault, Michel. História Da sexualidade Humana 2; o uso dos Prazeres p. 167.1984. Cap. 5.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

Dando continuidade à proposta de buscar aproximar o aluno da experiência do filosofar, será ampliado o horizonte em torno do uso dos seriados nas aulas de Filosofia, apresentando algumas teorias filosóficas contidas nas entrelinhas dos episódios do seriado “The Walking Dead”.

6. 3 Temas filosóficos no seriado *The Walking Dead*: proposta de unidade didática

Em mais uma etapa deste trabalho, sobre o uso dos seriados e sua contribuição para o ensino de Filosofia, serão tratadas as questões relacionadas à morte, ao fim dos tempos, à probabilidade de se extinguir a existência humana, questões intrigantes e pertinentes à Filosofia.

Como campo de apoio para essa discussão, tem-se o universo criado pelo seriado *The Walking Dead*, baseado numa história em quadrinhos norte-americana de mesmo nome, transmitida no Brasil pelos canais FOX e Bandeirantes. Esse seriado foi criado em 2010 pelo roteirista Frank Darabont, sendo a trama uma adaptação dos quadrinhos de Robert Kirkman, Tony Moore e Charlie Adlard, publicados nos Estados Unidos, desde 2003.

O drama relata um suposto apocalipse zumbi, no qual toda a raça humana sofre as consequências de um vírus letal que transforma os humanos em mortos-vivos se alimentam de carne humana e perdem a consciência de suas ações cotidianas, levando-os a uma perda quase que completa de sua consciência e noções de regras e sentimentos morais, presentes na experiência social.

O seriado apresenta em seu enredo uma reflexão sobre nossa leitura de mundo, como damos importância às leis sociais, como lidamos com os problemas ligados à natureza humana e, de forma criativa, impõe algumas perguntas como: “O que de fato é o ser humano?”; “Como as ações e regras sociais nos conduzem à ideia de sociedade?”; “Como seríamos sem a nossa ideia de civilização?”; “Como agiríamos diante de um apocalipse?”.

Todas essas questões são interligadas pela percepção que cada um tem sobre o fim; o que cada indivíduo faria se tudo o que conhecesse deixasse de existir, ou mesmo sobre a hipótese de a raça humana vir a desaparecer por completo. Dessa forma, apontam-se como o uso dos seriados nas aulas de Filosofia pode contribuir para levar os alunos a contemplar o universo filosófico, a partir da presença das questões mencionadas no enredo da série, pois cada tópico tem o potencial de conduzir ao exercício da atitude filosófica.

Em “The Walking Dead”, existem diversas questões presentes na tradição filosófica, tais como: o fim dos tempos, a morte, o suicídio, a ética e as possíveis mudanças que podem ocorrer na natureza humana. Nas entrelinhas do drama, é

possível discutir algumas das questões levantadas por filósofos como Platão, Tomás de Aquino e Immanuel Kant.

6. 3. 1 Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: refletindo sobre a vida diante da morte

Dentre os filósofos citados anteriormente, inicialmente, destaca-se o texto contido na obra de Platão, o diálogo “*Fédon*”, que reporta aos acontecimentos marcantes na história da Filosofia, que é a morte do mestre Sócrates, por se recusar a contradizer suas ideias diante do estado: “[...] você mesmo esteve junto a Sócrates no dia que ele tomou veneno na prisão, Fédon, ou alguém lhe contou a história?” (PLATÃO, 1991, p. 113).

Nesse contexto, o filósofo grego trata da condição humana diante do inevitável fim, ou seja, sua morte, traçando um diálogo sobre a imortalidade da alma e os benefícios que a morte pode trazer ao pensar, além de sua relação com a Filosofia.

Embora os homens não o percebam, é possível que todos os que se dedicam verdadeiramente à Filosofia a nada mais aspirem do que morrer e continuarem mortos. Sendo isso um fato, seria absurdo, não fazendo outra coisa o filósofo toda a vida, ao chegar a esse momento, revoltar-se contra o que ele mesmo pediu com tal empenho (PLATÃO, 1991, p. 121-122).

No referido diálogo, Platão trata do uso da Filosofia como uma preparação para a morte, pois para aqueles que buscam a sabedoria e a resposta para as questões humanas, uma vida elevada, a morte não é o fim, mas apenas um mecanismo que proporciona a imortalidade de nossas ideias. Desse modo, a morte não deveria ser temida, mas sim desejada, como parte natural do ciclo da vida.

Falar sobre a morte causa uma espécie de propulsão à ação do filosofar, pois nos leva a pensar de imediato sobre nossas ações, atitudes e desafios, como se, de alguma forma, toda a nossa existência estivesse relacionada ao fato de termos consciência de não sermos imortais.

Abordar o tema da morte em sala de aula sempre gera um pouco de receio, até mesmo um desconforto por parte dos debatedores dos temas, especialmente quando esse assunto é introduzido entre os jovens do ensino secundário. Isso porque sua pouca idade contribui para provocar receios e uma dificuldade inicial de

discussão. Em alguns casos, o medo do tema inibe a fala; em outros, a opinião é trazida a partir de explicações elaboradas pelas religiões dos alunos, inclusive para se contrapor aos argumentos filosóficos.

Ao utilizar o seriado na inserção do assunto dentro da aula de Filosofia, provoca-se uma maior fluidez entre os alunos, criando a possibilidade de um debate mais amistoso na sala de aula. A intervenção proposta por este estudo é de melhorar a interação dos alunos com o conteúdo filosófico, em que o professor conduza sua aula não apenas para uma troca de informações e sim, para uma prática filosófica mediante debates e diálogos.

Para um melhor entendimento entre o seriado, a perspectiva da imortalidade da alma e a visão da morte trazida por Platão, expõe-se o universo simbólico do seriado, que está construído em torno do personagem Rick. Trata-se de um policial que acorda, depois de vários dias em um estado de coma profundo, num mundo dominado por zumbis, tendo que entender como dar continuidade a sua vida, tentando compreender como a sociedade está funcionando, descobrir se sua esposa e filho continuam existindo ou se fora transformados em mortos-vivos.

Além disso, ele também tem que lidar com uma baixa expectativa de sobrevivência. Tudo isso, certamente, traria um esforço para continuar vivo mediante à ameaça iminente. Em outras palavras, é como se a morte estivesse caminhando atrás dele.

Essa é a ideia apresentada pelo filósofo Platão (1991), em que a maneira como lidamos com a vida está condicionada ao fato de não sermos imortais. Em “The Walking Dead”, algumas das ações estão focadas no fato de tentar prolongar a existência, trazendo a questão: como lidamos com a vida diante da morte?

A análise atenta do seriado e a proposta do condicionamento à mortalidade, apresentada por Platão, nos levam a pensar em como as pessoas de um modo geral lidam com a sua própria vida diante da morte, como lidam com as perdas dos entes queridos, como as preocupações definem suas prioridades e como seus conceitos lhe fornecem leituras variadas sobre todas as coisas. Ou seja, para Platão, a maior preocupação da humanidade está em prolongar a sua própria existência, por isso a morte é algo que causa um certo impacto. “Sendo assim, continuou, não acha que de modo geral, as preocupações dessas pessoas não visam ao corpo mas tendem, na medida do possível, a se afastar dele para se aproximar da alma?” (PLATÃO, 1991, p. 123).

De certa maneira, a morte provoca uma reflexão sobre a razão de estarmos vivos, nos defronta com a nossa mortalidade e nos faz lidar com a dúvida sobre o que vai acontecer quando deixarmos de existir. Nesse sentido, no quinto episódio da primeira temporada, a personagem Andrea, membro do grupo liderado por Rick, confronta-se com a perda da irmã, que foi fatalmente transformada em um morto-vivo.

Em um determinado trecho do episódio, a personagem fica um tempo em silêncio contemplando a transformação da irmã em zumbi, causando um desconforto diante do grupo, pois como a carne morta atrai outros caminhantes, há necessidade de se livrar do corpo, mas Andrea mostra arrependimento pelas ações que teve durante a vida da irmã e acaba executando-a, logo após sua transformação em morto-vivo: “Amy, me desculpe por não estar sempre lá, sempre achei que teríamos mais tempo. Estou aqui agora Amy, eu amo você” (THE WALKING DEAD, 2010).

A fala de Andrea dá uma ideia de como reagimos diante da morte, pois passamos tanto tempo preocupados com o progresso da vida, que não nos ocupamos melhor com a maneira como a vivenciamos. Assim, a morte provoca uma reflexão sobre a maneira como vivenciamos nossas escolhas e até mesmo sobre os sentimentos que possuímos diante das pessoas que têm um significado para nós. Então, o que o enredo do seriado faz é provocar nosso pensamento para questões existenciais, como a vida diante da morte.

Certamente, trata-se de um tema propício para um verdadeiro exercitar do fazer filosófico em sala de aula, pois envolve tanto as questões existenciais quanto as questões práticas da vida e nossas prioridades. Ainda aborda como as perspectivas sobre a vida e nossas ações no presente podem afetar o futuro, além de instigar o questionamento sobre se a morte é mesmo o fim.

O quadro seguinte traz uma proposta para trabalhar o tema da morte e a finalidade da vida humana, enfatizando no debate questões sobre a ética e o dever moral.

Quadro 7 - Refletindo sobre a vida diante da morte

Seriado: <i>The Walking Dead</i>				
Episódio: 5º(1ª Temporada) - Fogo Selvagem				
Tema: Pensar na vida refletindo sobre a morte				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
A morte numa perspectiva filosófica; A imortalidade da Alma.	Debater e discutir com os alunos a existência diante do mistério da morte; Fala sobre os tabus em torno da morte em nossa sociedade; Discutir a importância e as influências das crenças religiosas em torno da morte.	Problematização da temática a partir do seriado; - Leitura do texto sobre o tema proposto; Avaliação uma produção escrita e a participação na mesa redonda; Utilizar o celular para as fotos.	Conduzir os alunos a uma produção textual com o tema: a vida humana diante da morte; Realização de uma mesa redonda onde os alunos irão apresentar seus textos; Promover um concurso de fotografia onde eles irão relatar ações do seu cotidiano que produzam reflexão sobre a existência humana. Ex: tirar uma foto com uma ação comunitária, alguma atitude de outros alunos.	I - Texto “Fédon” PLATÃO. Fédon. Trad. Carlos Adalberto Roseira. 2013. p. 113. Cap. 3. II - Texto “os infortúnios dos mortos-vivos” Malloy. Daniel, <i>The Walking Dead e a Filosofia</i> . 2013. p. 25-34. cap. 2.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

No próximo episódio, será abordada a finalidade da existência humana e o papel desempenhado pelo uso da razão em situações extremas, nas quais a vida encontra-se ameaçada.

6. 3. 2 Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: suicídio e a finalidade do agir humano

Como o campo de fundo do seriado é uma percepção sobre acontecimentos apocalípticos, damos continuidade às discussões com uma proposta focada no sexto episódio da primeira temporada, em que o grupo liderado pelo personagem Rick encontra um centro de controle de doenças infectocontagiosas. Neste local, eles se deparam com o doutor Jerry, o último médico que trabalhava no edifício e

que, de alguma forma, ainda trabalhava para encontrar a cura para a suposta epidemia que causou o ataque zumbi, transformando o mundo ficcional do seriado num estado apocalíptico.

Dentro do drama, os personagens enfrentam uma luta constante com a ameaça iminente dos zumbis e deixam transparecer a ideia do “por quê ainda lutar para estar vivo?”, isto é, “qual é a finalidade da vida nesse cenário absurdo?”.

Na segunda parte da *Suma Teológica*, Tomas de Aquino apresenta a ideia de que qualquer coisa está disposta a ser direcionada ao fim, ou seja, as coisas só vivem sua finalidade se sabem para que servem. Isso implica na ideia de que o homem só descobre sua utilidade se sabe por que existe: “deve-se tratar aqui primeiro, do fim último da vida humana. Em seguida, dos meios pelos quais o homem pode alcançar esse fim ou dele desviar-se; pois, é do fim que se deduz a natureza daquilo que se a ele ordena” (PEGUES, 1942, p. 922).

Na perspectiva de Aquino, a utilidade do homem está relacionada à beatitude, a uma espécie de vida moral e íntegra elevada que deve reagir primeiro conforme as atitudes interiores e somente depois em relação às posteriores. Nessa condição é possível discutir sobre como o agir humano apresenta-se diante da ameaça contra a vida humana.

O episódio segue com o acolhimento do grupo de sobreviventes, liderado por Rick, pelo doutor Jerry. O grupo procura respostas para o que aconteceu no mundo e sobre o que causou a epidemia viral. Durante a conversa, o médico relata que enquanto algumas pessoas fugiram quando as coisas saíram do controle, outras encontraram saída através do suicídio:

Dr. Jerry – Quando as coisas ficaram feias, muita gente foi embora ficar com a família, quando as coisas pioraram, quando os militares invadiram o restante ficou preso aqui

Shane – Todos eles?

Dr. Jerry – Não, alguém tinha coragem de sair, eles acharam outra saída, foi uma epidemia de suicídios (THE WALKING DEAD, 2010, Ep. 6 / Temp. 1).

O referido episódio levanta a problemática do suicídio, um exemplo do agir humano diante de situações extremas, pois o ato de suicidar-se acontece quando o indivíduo não encontra mais saídas para resolver suas próprias questões existenciais. E, dentro do seriado, uma grande quantidade de pessoas decidiu acabar com a própria vida porque não via mais sentido na humanidade.

Assim é possível questionar junto aos alunos se, hipoteticamente, essas pessoas tivessem encontrado alguma utilidade para si mesmas, nesse mundo caótico, elas teriam se suicidado. Ou ainda, se a decisão tomada foi simplesmente a alternativa mais fácil ou a única viável para os sobreviventes. Será que se todos entendessem sua finalidade, escolheriam outro caminho? Essas são formas possíveis para iniciar uma discussão junto aos alunos, com perguntas simples como: você sabe qual é o seu propósito no mundo?

Tomás de Aquino tentou atualizar o problema já levantado por Aristóteles sobre a finalidade do homem que, para ele, seria a busca da felicidade. Conforme Aquino, o homem só encontra essa finalidade quando se volta para Deus e isso causa a busca pela bem-aventurança; caracterizado por um novo agir, uma nova maneira de pensar, que implica na mudança de comportamento do homem em relação aos seus semelhantes (PEGUES, 1942).

O episódio segue com uma discussão na qual o doutor Jerry afirma que ficou porque acredita que poderia fazer algo de bom. Nesse ponto, sua atitude pode ser usada para refletir a ideia defendida por Aquino, sobre a necessidade humana de descobrir a sua própria finalidade: “Andrea – Você não saiu, por quê? Jerry – Continuei trabalhando, esperando fazer algo de bom” (THE WALKING DEAD, 2010, Ep. 6 /Temp.1).

Nessa aula, a intenção é provocar um debate caloroso entre os alunos, onde poderemos discutir não apenas o tema do suicídio, mas refletir criticamente sobre o agir humano diante dos acontecimentos inesperados, sobre a existência humana e, até mesmo, sobre a valorização de experiências cotidianas, como o fato de se alimentar, tomar banho e poder conviver com outras pessoas. O seriado em si nos permite explorar essas e outras questões pertinentes, de forma relacionada com as possíveis ações éticas e morais, bem como com a construção desses valores.

A partir do referido episódio, será apresentada a temática do suicídio, visando nortear os trabalhos entre os alunos. Assim, segue mais um quadro com outra possibilidade de planejamento e dinâmica para a aula de Filosofia:

Quadro 8 - Suicídio e a finalidade do agir humano

Seriado: The Walking Dead				
Episódio: 6º(1ª Temporada) TS-19				
Tema: Suicídio e a finalidade última do Homem.				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	ATIVIDADES	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Falar sobre a relação do agir humano e o suicídio. Apresentar a ideia de Tomaz de Aquino. Contextualizar o suicídio com a Filosofia e a ideia religiosa.	Levar os alunos a uma reflexão sobre as ações humanas que levem ao suicídio, diante do contexto da Filosofia e das crenças religiosas.	Exposição do conteúdo com auxílio do quadro. Problematizar o tema com o auxílio do seriado. Fazer leituras em grupo com os textos selecionados. Exibir slides contextualizando filósofos medievais.	Criar um projeto na escola de conscientização sobre o problema do suicídio. Compor um ciclo de palestras com profissionais especializados para falar com os alunos.	I-Texto “ Optando em cair fora: a ética do suicídio em The Walking Dead ”. Robichaud, Chistopher. 2013. p.11. Cap.1. II - Texto “ Se convém ao homem agir para um fim ” AQUINO, Tomaz. Suma teológica. seção 2, art.1 tratado da bem-aventurança. p. 922.1942. III - Texto “ Liberdade e a Facticidade: a situação ”. SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada. 1997. p. 653-671.1997. Cap. 1.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

No próximo episódio, será explorado o tema do agir moral na perspectiva kantiana.

6. 3. 3 Proposta de unidade didática para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: o Iluminismo de Kant e o Agir Moral

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano, foi um dos principais expoentes do ideal iluminista, que colocava à prova a moral nascida das posições religiosas e também a validade das regras e condutas morais tradicionalmente defendidas pela religião. Ele afirma quando diz que “assim estão as coisas com respeito ao ideal da razão, que sempre tem de repousar sobre conceitos determinados e servir de regras e de arquétipos, quer para ser seguido quer para ser julgado (KANT, 1983, p. 288).

Diante desse contexto, alguns filósofos ligados ao Iluminismo construíram resposta para essa suposta separação das regras sociais morais, tais como Thomas Hobbes (1588-1679) com sua posição de contrato social, na qual a moralidade está condicionada às regras estabelecidas entre os seres humanos; e David Hume (1711-1776) com a noção de que a felicidade é o bem comum onde a ação que manifesta o contrário não é boa.

Kant, por sua vez, traz uma contraposição a essas ideias, porque acreditava que o senso de nossa felicidade era a nossa consciência; segundo ele, não conhecemos as coisas que estão fora de nossa mente. São nossos conceitos que constroem a mente e isso aponta para uma posição de autonomia, isto é, as normas não surgem de construções exteriores, ou leis naturais ou até mesmo divinas, mas sim da razão humana: as regras como normas sociais são estabelecidas pela atitude cristalizada da ação do dever.

Esta inteira observação é de grande importância não só para confirmar nossa precedente refutação do idealismo, mas muito mais ainda, caso se trate do autoconhecimento a partir da simples consciência interna/ e da determinação de nossa natureza sem ajuda de intuições sensíveis externas, para nos indicar os limites da possibilidade de um tal conhecimento (KANT, 1983, p. 153.).

Assim, Kant acrescenta que o agir humano está condicionado ao entendimento de cada ser humano, ou melhor, está relacionado à sua busca de felicidade e esperança de ser merecedor. Segundo ele, embora a felicidade e o agir moral tenham fundamentos em princípios diferentes, é possível que haja uma conciliação com ambos e que isso resulte numa vivência harmoniosa entre as pessoas, e da felicidade, visto que esta não pode ser conhecida pela razão. Uma razão suprema comandada por supostas leis morais.

A mencionada conexão necessária entre a esperança de ser feliz e a incessante aspiração de tornar-se digno da felicidade não pode ser conhecida pela razão caso se tome unicamente a natureza como fundamento; uma tal conexão só pode ser esperada se uma razão suprema, que comanda segundo leis morais, é posta ao mesmo tempo como fundamento enquanto causa da natureza (KANT, 1983, p. 395).

Nessa perspectiva, o filósofo nos traz a ideia de que nossas buscas interiores têm respostas se tivermos em mente o que ele chama de razão suprema. Em outras palavras, trata-se de um ideal moral, algo que é construído a partir de nosso entendimento. “Portanto, é só no ideal do bem supremo originário que a razão pura

pode encontrar o fundamento da conexão praticamente necessária de ambos os elementos do bem supremo derivado, a saber, de um mundo inteligível, isso é moral” (KANT, 1983. p. 395).

A partir das ideias de Kant, pode-se questionar: “O que é caráter?”; “O que é Felicidade?” “O que define minhas ações e reações diante dos problemas?” “Como consigo pensar em ação moral sem o conceito religioso?” Embora atuais, tais questões estão originalmente relacionadas aos problemas levantados pelos filósofos que apoiaram o movimento iluminista.

Para uma melhor compreensão do assunto, vamos observar as ações contidas no primeiro episódio da primeira temporada, intitulado “Dias passados”, em que o protagonista, xerife Rick, tenta descobrir explicações para o que de fato aconteceu com o mundo e com as pessoas que conhece. O protagonista da série transmite uma certa atitude moral que está entrelaçada ao fato de ser um policial, fato que fica evidente ao repreender dois sobreviventes que encontram em uma casa abandonada na sua vizinhança, onde foi buscar pelo paradeiro da mulher e filho desaparecidos:

Rick – Esta casa é de Fred e Cindy Drakes?

Morgan – Nunca os vi.

Rick – Já estive aqui. É a casa deles.

Morgan – Estava vazia quando chegamos aqui (THE WALKING DEAD, 2010, Ep. 1, Temp. 1).

É possível observar que o universo do seriado é construído em cima da ideia de como as pessoas se comportariam diante do fim, quando suas vidas são colocadas em risco, como elas reagem diante dos problemas ou mesmo na luta pela sobrevivência. É justamente nesse enredo que, ao observar os personagens em suas ações, pode-se identificar o pensamento kantiano, no qual o agir está relacionado ao entendimento.

Em outras palavras, os personagens agem de acordo com as ideias e valores que tinham antes do apocalipse zumbi, demonstrando um apego às suas convicções prévias. No seu modo de agir, é como se de alguma forma isso ainda desse um tênue sentido de continuidade da sociedade. Algo que podemos observamos na fala de Rick, ao repreender Morgan pela atitude de ocupar uma casa que não lhe pertencia.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, mesmo num mundo caótico, a ideia de razão suprema, de valores a serem seguidos, gera uma sensação de normalidade para pessoas desesperadas. Essa ideia pode ser debatida a partir do posicionamento kantiano. Assim, com o uso do seriado, traçou-se um expoente mais dinâmico e criativo para levar os alunos ao entendimento inicial das propostas filosóficas.

No quadro seguinte, há mais uma sugestão de planejamento de aula:

Quadro 9 - O Iluminismo e o agir moral kantiano

Seriado: The Walking Dead				
Episódio: 1º (1ª Temporada) "Dias passados"				
Tema: o Iluminismo e o agir moral kantiano				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	REFERÊNCIAS TEXTUAIS
Contexto do Iluminismo; O Agir moral Kantiano.	Levar os alunos a uma discussão sobre os valores morais constituídos na sociedade a partir da reflexão iluminista e contrapontos com as ideias do filósofo Immanuel Kant.	Exposição do tema com auxílio do quadro; Leitura de texto relacionado aos autores sugeridos.	I - Pesquisa sobre as influências do Iluminismo na formação do pensamento moderno. II - Seminário sobre os principais filósofos iluministas. III - Leitura dos textos sugeridos.	Texto I - "Da relação entre as faculdades mente humana e as leis morais" . KANT, Immanuel. <i>Metafísica dos costumes</i> . 2003. cap. 2, I- parte p. 60-64. Texto II - "A liberdade dos súditos" HOBBS, Thomas. <i>Leviatã</i> parte II. 2003. cap. 21. p.179-190. Texto III - "Dos princípios gerais da moral" HUME, David. <i>Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral</i> . 2004. cap. 2. seção 1, II parte, p. 225-231.

Fonte: Organizado pelo pesquisador (2018).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo foi norteada pelo propósito de contribuir para atrair a atenção discente para o ensino de Filosofia, ou melhor, mediante a ampliação das possibilidades de mediação do conteúdo filosófico, a partir do uso de um recurso bastante atual e acessível aos alunos e professores: os seriados.

Esta contribuição concentrou esforços para sugerir algumas possibilidades para o desenvolvimento de atividades na sala de aula, de modo que professores e educandos pudessem exercitar o pensamento filosófico, a partir de um novo parâmetro que melhorasse a receptividade discente em relação ao ensino de Filosofia.

Tal iniciativa pode ser considerada necessária, porque na prática do ensino de Filosofia há sempre a necessidade de se pensar em novos caminhos, de buscar melhorar os métodos ligados à sua aplicação, visto que a aula de Filosofia deve causar perplexidade, deve ser impactante para o pensamento do educando, e isso exige uma ação mais específica e criativa em relação ao modo como ela é introduzida no espaço escolar.

Seguindo por esse viés, o professor de Filosofia deve colocar-se na condição de investigador, buscando novos métodos a partir de sua própria experiência, de sua vivência, para a partir disso, propor mecanismos didáticos alternativos ao ensino de sua disciplina. Desse modo, é possível aprimorar, coletivamente, dentro da própria sala de aula, aspectos importantes do ensino de Filosofia, que possam conferir um novo vigor e uma renovação dos interesses discentes pelo conteúdo filosófico.

Assim, objetiva-se construir uma proposta focada na articulação entre os temas filosóficos e o ensino de Filosofia como um recurso metodológico alternativo para promover a emancipação intelectual dos educandos. Mediante as estratégias apresentadas e resumidas nos quadros didáticos, pretendeu-se contribuir para que o professor de Filosofia ampliasse seus recursos profissionais. Tais recursos, por levarem em consideração um elemento cultural bastante difundido diante do público discente, podem ser eficazes para contribuir na sua autocriação crítica ou, ainda, no exercício do pensamento voltado para a formulação de conceitos.

Trata-se de uma tarefa importante em virtude da necessidade de combater visões estereotipadas, inclusive acerca da própria Filosofia, estabelecidas por algum tipo de normatividade social. Assim, para que haja efetivamente uma mudança de visão de mundo, na sociedade contemporânea, é preciso possibilitar aos jovens estudantes, no âmbito do ensino de Filosofia, recursos para que possam investir na sua própria autonomia.

Desse modo, espera-se que a proposta lançada possa alcançar alguns desses objetivos. O primeiro deles é promover um debate que amplie o diálogo sobre o uso de recursos não filosóficos na prática de ensino do professor de Filosofia. Nessa concepção, acredita-se que os seriados podem ser considerados ferramentas úteis para uma introdução do conteúdo filosófico estabelecido pelo currículo escolar.

Contudo, essa possibilidade somente pode ser efetivada se consideramos a sala de aula como o cenário mais propício para tal prática, uma vez que, tanto o aluno quanto o professor de Filosofia têm que assumir seus respectivos papéis como protagonistas no exercício do fazer filosófico, no ambiente escolar.

Nessa nova perspectiva, o ambiente escolar deve ser reconhecido como um campo disponível para a prática do exercício filosófico, de modo que essa ação culmine na percepção por parte do aluno de que existe uma nítida conexão entre o conteúdo filosófico ensinado na escola e suas experiências cotidianas.

Assim como foi evidenciado nas atividades que conectaram temas filosóficos variados, extraídos de três seriados diferentes, o exercício do pensar filosófico deve ser considerado como uma prática indispensável na aula de Filosofia. Isso porque a constante aplicação desse tipo de dinâmica na sala de aula irá não apenas familiarizar os estudantes com os temas e autores da tradição filosófica, mas também irá estimulá-lo a buscar um discurso próprio, mais autônomo, capaz de ajudá-lo na compreensão das mais distintas questões que permeiam sua existência fora do universo escolar.

A iniciativa desta proposta de unir Filosofia e seriados está amparada no processo teórico fornecido pioneiramente pela Filosofia neopragmática, de Richard Rorty, que propôs uma nova visão do fazer filosófico. Nessa sua experiência de redescoberta, os gêneros de narrativa não são vistos como adversários, mas são considerados como importantes auxiliares na difusão das ideias filosóficas.

Finalmente, as posições e critérios apresentados no decorrer deste estudo apontam favoravelmente para o uso dos seriados televisivos, uma vez que tais elementos narrativos e não filosóficos podem ser úteis para a elaboração de estratégias para o ensino de Filosofia. Entretanto, ressalta-se que não se trata, obviamente, de apenas substituir os textos filosóficos pelos seriados, mas sim de considerar que o ensino de Filosofia tem nos episódios das séries televisivas contemporâneas importantes aliados, particularmente, no âmbito do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NO TEXTO

- ARAUJO, L. C. de. Os seriados norte-americanos e o cinema brasileiro dos anos 1920. **Contracampo: Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF**, Niterói, v. 24, n. 1, p.159-177, jul. 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/202/108>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- ARENT, H. **O que é política?** Trad. Reinaldo Guarany. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ARENT, H. **A vida do Espírito: o pensar o querer e o julgar.** Trad. Antônia Abranches. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ASPIS, R. P. L.; GALLO, S. **Ensinar Filosofia: um livro para professores.** São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo Sexo, fatos e mitos.** Tradução de Sergio Miolet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974. v. 1.
- BILITRES. **A filosofia em House.** Tradução Bianca Bold, Eliseanne Nopper, Andrea Ciacchi. Rio de Janeiro: Beste Seller, 2009.
- BORNHEIM, G. A. (Org.). **Os filósofos pré-socráticos.** São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 20 jul. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008.** Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm. Acesso em: 27 de agosto de 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão à identidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade Humana 2: o uso dos Prazeres**. Trad. Maria Thereza da costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Org.) Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. São Paulo: Papirus, 2012.

GHIRALDELLI, P. J. **Richard Rorty: a filosofia do Novo Mundo em busca de novos mundos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GILDEON, C. **Rorty e a Redescrição**. Tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: EDUNESP, 2006.

HOBBS, T. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Berliner. Revisão da tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUME, D. **Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

IRWIN, W. **The Walking dead e a filosofia; espingarda revolver e razão**. Tradução de Patrícia Azevedo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Balduur Moosburge. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

MAQUIAVEL. **O Príncipe**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NASCIMENTO, E. M. M. **Pragmatismo – uma filosofia da ação: de Dewey a Paulo Freire**. Teresina: EDUFPI, 2017.

PLATÃO. **Teoria das ideias**. Tradução de Adalberto Roseiro. São Paulo: Hunter Books, 2013.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Hunter Books, 2013.

PLATÃO. **Diálogos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PÈGUES, T. R. **A SUMA TEOLÓGICA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO EM FORMA DE CATECISMO**. Taubaté: Editora Taubaté, 1942. Versão e-book. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2019.

PINTO, C. R. J. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RALWS, J. **Uma Teoria da Justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RALWS, J. **Justiça com Equidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REALE, G. **Historia da Filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 1990.

RODRIGO. L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o Ensino Médio. Campinas: Autores Associados, 2009.

RODRIGO. L. M. Filosofia no Ensino Médio: metodologia e prática de ensino. **Cadernos NEFI**. [S .I.], v. 1. n. 1, 2015. INSS 2237-289x.

RORTY, R. **O Espelho da Natureza**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

RORTY, R. Filosofia analítica e filosofia transformadora. In: **Ensaaios pragmatistas**: sobre subjetividade e verdade. Rio de Janeiro: DP&A: 2006.

RORTY, R. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RORTY, R. **Filosofia y futuro**. Barcelona: Gedisa, 2002.

SARTRE. J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Centro de Ciências Humanas. Mestrado Profissional em Filosofia documentos orientação/texto. **Regulamento-PROF-FILO**. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/proffilo/files/2016/05/Regulamento-PROF-FILO-1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

WESTACOTT, E. A ética kantiana em poucas palavras: a filosofia moral de Immanuel Kant. In: **Revista Pensar Contemporâneo**. Disponível em: <https://www.pensarcontemporaneo.com/etica-kantiana-em-poucas-palavras-filosofia-moral-de-immanuel-kant/>. Acesso em: 28 jan. 2019.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; v. 3).

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: Romance da história da filosofia. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GHEDIN, E. **Ensino da Filosofia no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2009.

KANT, I. **A metafísica dos costumes**. Tradução de Edson Beni. Bauru: Edipro, 2003.

KOHAN, W. (Org.). **Filosofia**: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – TEMA O MÉTODO DE SÓCRATES NO SERIADO HOUSE

<i>SERIADO: HOUSE</i>	
EPISÓDIO: 6° (1° TEMPORADA) – Método Socrático	
TEMA: O método de Sócrates (Introdução à Filosofia)	
	

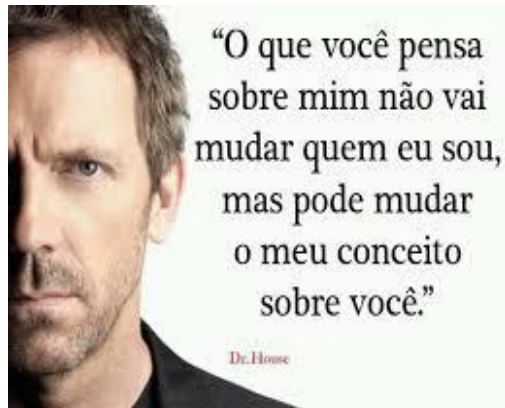
Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO B - O TEMA EQUILÍBRIO REFLEXIVO DE JONH RAWLS NO SERIADO HOUSE

SERIADO: HOUSE

EPISODIO: 17º(1ªtemporada)- “o exemplo”

TEMA: Equilíbrio reflexivo de John Rawls (Filosofia Política)



Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO C - TEMA A TEORIA DA PERFORMATIVIDADE DE JUDITH BUTLER NO SERIADO HOUSE BUTLER NO SERIADO HOUSE

SERIADO: HOUSE

EPISODIO: 13º(2º TEMPORADA) – “Superficial”

TEMA: A teoria da performatividade de Judith Butler (Filosofia e questões de gênero)



imag.5



imag.6

Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO D - TEMA OS VALORES E ESCOLHAS NO SERIADO GAME OF THRONES

Seriados: GAMES OF TRONES

Episódio: 1º(1ªTemporada)- “o inverno está chegando”

Tema: Os valores e as escolhas



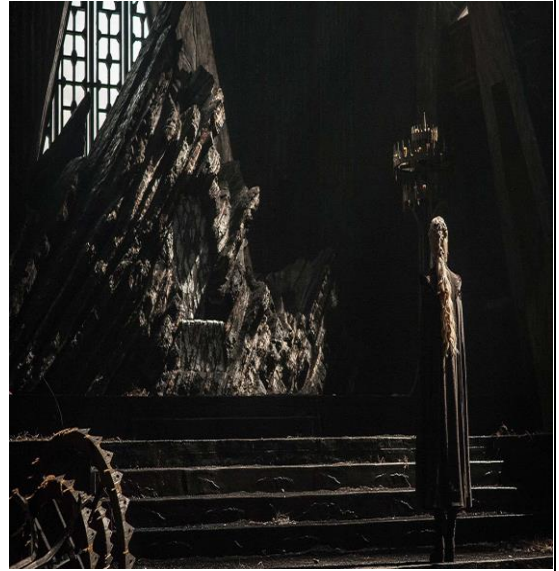
Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO E - TEMA A FILOSOFIA POLITICA DE MAQUIAVEL NO SERIADO GAME OF THRONES

Seriados: GAMES OF TRONES

Episódio: 6° (1° temporada) - lorde Show

Tema: Introdução a filosofia política em Maquiavel.



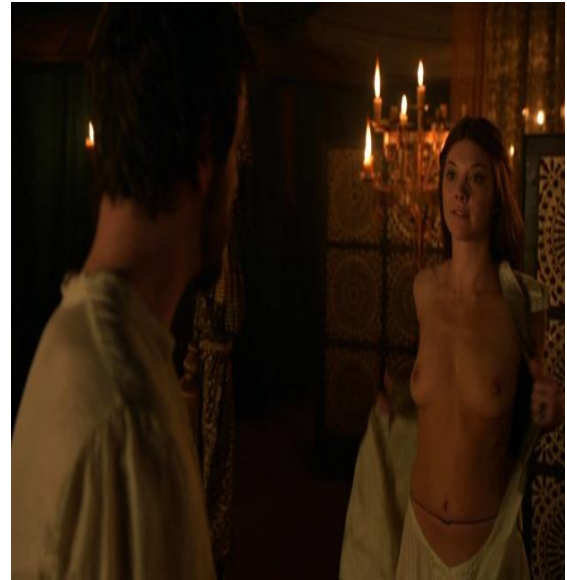
Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO F - TEMA CORPO E EROTISMO NO SERIADO GAME OF THRONES

Seriados: GAMES OF THRONES

Episodio: 3º (2ª Temporada)-Quem está morto não pode morrer

Tema: corpo e erotismo (a natureza sexual da conduta humana)



Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXOS G - TEMA PENSAR NA VIDA REFLETINDO SOBRE A MORTE NO SERIADO THE WALKING DEAD

Seriados: THE WALKING DEAD

Episodio: 5º(1ªTemporada) - fogo selvagem

Tema: Pensar na vida refletindo sobre a morte



Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO H - TEMA SUICÍDIO E A FINALIDADE ULTIMA DO HOMEM NO SERIADO THE WALKING DEAD

Seriados: THE WALKING DEAD	
Episodio: 6º(1ªTemporada) TS-19	
Tema: Suicídio e a finalidade última do Homem.	
	

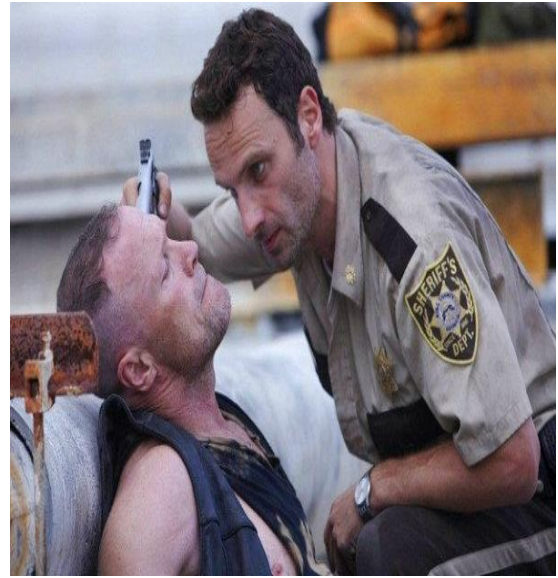
Fonte: Google com adaptação do autor (2019).

ANEXO I - TEMA O ILUMINISMO E O AGIR MORAL KANTIANO NO SERIADO THE WALKING DEAD

Seriados: THE WALKING DEAD

Episódio: 1º (1ª Temporada) "Dias passados"

Tema: o iluminismo e o agir moral kantiano .



Fonte: Google com adaptação do autor (2019).